



SANTO ANTONIO  
IRIRIÚ

Se o átomo é a unidade básica da matéria, a memória é a unidade base da alma humana. A memória guarda e revela; aprendemos nos percursos da vida e memorizamos as experiências que constituem as rotas do nosso mapa mundi particular, que se expande a cada vivência.

Lucélio Budal Arins (2024)



UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA – CURRÍCULO, TECNOLOGIAS E PRÁTICAS  
EDUCATIVAS

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO  
PROPULSORA NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO/SENSÍVEL

LUCÉLIO BUDAL ARINS

ORIENTADORA:

PROFA. DRA. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO

Joinville – SC

2024

LUCÉLIO BUDAL ARINS

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO  
PROPULSORA NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO/SENSÍVEL

Dissertação apresentada por Lucélio Budal Arins ao Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade da Região de Joinville (Univille), da linha de Pesquisa: Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas – Mestrado em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto.

Joinville – SC

2024

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

A711e Arins, Lucélio Budal  
Experiências estéticas no contexto da educação básica como propulsora na construção de um sujeito crítico/sensível / Lucálio Budal Arins; orientadora Dra. Sílvia Sell Duarte Pilotto. – Joinville: Univille, 2024.

78 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville)

1. Artes e crianças. 2. Educação básica. 3. Prática de ensino. I. Pilotto, Sílvia Sell Duarte (orient.). II. Título.

CDD 372.5

## Termo de Aprovação

### “Experiências Estéticas no Contexto da Educação Básica como Propulsora na Construção de um Sujeito Crítico/Sensível”

por

Lucélio Budal Arins

#### Banca Examinadora:

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto  
Orientadora (UNIVILLE)

Profa. Dra. Andréa Vieira Zanella  
(UFSC)

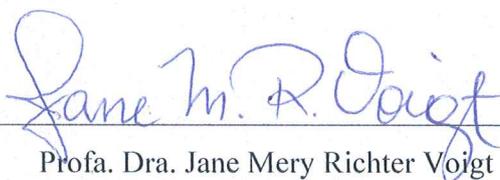
Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt  
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.



---

Profa. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto  
Orientadora (UNIVILLE)



---

Profa. Dra. Jane Mery Richter Voigt  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Joinville, 21 de fevereiro de 2024.

## Dedicatória

*Dedico os escritos desta dissertação aos meus pais que acreditaram na Educação Básica como um fio de esperança para uma vida digna. Aos meus professores que teceram possibilidades para que eu costurasse esta história de uma Educação crítica e sensível.*

## RESUMO

A dissertação *Experiências Estéticas no contexto da Educação Básica como propulsora na construção de um sujeito crítico/sensível* integra o Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville (Univille), na linha de pesquisa Currículo, Tecnologias e Práticas Educativas, e está vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE). A questão de pesquisa indaga se: *as Experiências Estéticas na Educação Básica contribuem na constituição de sujeitos críticos/sensíveis e na atuação de um professor/criativo?* Essa problemática me levou ao seguinte objetivo: *refletir sobre Experiências Estéticas na Educação Básica, por meio de narrativas (auto)biográficas, a fim de potencializar o sujeito crítico/sensível na figura do professor/criativo.* O método tem como base a pesquisa qualitativa com viés na narrativa (auto)biográfica, uma vez que a presente dissertação enfatiza narrativas pessoais e histórias de vida (auto)biográficas, conectadas com histórias (re)memoradas, envolvendo pessoas que foram e são importantes em minha atuação docente. Nos caminhos desta dissertação recorri às minhas memórias no diálogo com os contextos em que as Experiências Estéticas foram vivenciadas, produzindo reflexões e sentidos no tempo presente sobre o percurso desde os Anos Iniciais até a docência. Os autores fundantes desta dissertação foram imprescindíveis tanto nas questões conceituais quanto metodológicas. São eles: Abrahão (2012), Freire (2017), Masschelein e Simons (2014), Duarte Jr. (2010), Meira e Pillotto (2022) e Zanella (2021), além de muitos outros que encontrei e revisei ao longo do caminho como pesquisador e professor. Experiências Estéticas são aquelas que nos conduzem ao movimento imaginativo, em que o racional é atravessado pelos sentidos, edificando novos significados, e nesse processo novos saberes são produzidos. Esta dissertação revelou, no decorrer dos quatro capítulos/caminhos que a compõem, a contribuição das Experiências Estéticas para a constituição de um sujeito crítico/sensível. Encontra nas Experiências Estéticas (re)memoradas um lugar de encontro com a vida, pulsante e desafiadora. Lugar de diálogo, de experimentação, de conscientização e de sensibilidades. A caminhada pelas memórias das infâncias e adolescência na Educação Básica resultou em reflexões e provocações sobre a importância de uma educação que tenha espaço para o sensível nos currículos e práticas educativas.

**Palavras-chave:** Experiências Estéticas; Práticas Educativas; Educação Básica; Percursos Narrativos; Sensibilidade.

**AESTHETIC EXPERIENCES IN THE CONTEXT OF BASIC EDUCATION AS A  
DRIVER IN THE CONSTRUCTION OF A CRITICAL/SENSITIVE SUBJECT**

**ABSTRACT**

*The Dissertation: Aesthetic Experiences in the context of Basic Education as a driver in the construction of a critical/sensitive subject, is part of the Postgraduate Program – Masters in Education at the University of the Joinville region (Univille), in the line of research: Curriculum, Technologies and Educational Practices and is linked to the Art in Education Research Center (NUPAE). The research question asks: how do Aesthetic Experiences in Basic Education contribute to the formation of a critical/sensitive subject? Do Aesthetic Experiences in Basic Education contribute to the constitution of critical/sensitive subjects and the performance of a teacher/creative? This problem led us to the following objective: to reflect on Aesthetic Experiences in Basic Education and what their implications are for the construction of critical/sensitive subjects, using my own paths and memories as a reference. reflect on Aesthetic Experiences in Basic Education, through (auto)biographical narratives, in order to enhance the critical/sensitive subject in the figure of the teacher/creative. The research method is based on qualitative with a bias towards (auto)biographical narrative, since this methodology focuses on the production/collection and analysis of personal narratives or life stories, whether the story of a single person (autobiographical) or of several people (biographical). In this research I use my memories, I dialogue with the contexts in which Aesthetic Experiences were experienced, producing reflections and meanings in the present time about the journey from the early years to teaching. The founding authors were essential, both in conceptual and methodological issues. They are: Abrahão (2012), Freire (2017), Masschelein and Simons (2014), Duarte Jr. (2010), Meira and Pillotto (2022) and Zanella (2021). Aesthetic Experiences are those that lead us to the imaginative movement, in which the rational is crossed by the senses, building new meanings, and in this process new knowledge is produced. This Dissertation reveals, throughout the four chapters/paths that compose it, the contribution of Aesthetic Experiences to the constitution of a critical/sensitive subject. Find in (re)memorated Aesthetic Experiences, a place of encounter with life, pulsating and challenging. A place for dialogue, experimentation, awareness and sensitivity. The walk through the memories of childhood and adolescence in Basic Education and teaching results in reflections and provocations about the importance of an Education that has space for the sensitive in the curricula.*

**Keywords:** *Educational Practices; Aesthetic Experiences; Basic Education; Critical / Sensitive Subject*

*EXPERIENCIAS ESTÉTICAS EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN BÁSICA  
COMO MOTOR EN LA CONSTRUCCIÓN DE UN SUJETO CRÍTICO/SENSIBLE*

**RESUMEN**

*La disertación Experiencias Estéticas en el contexto de la Educación Básica como motor en la construcción de un sujeto crítico/sensible forma parte del Programa de Postgrado – Maestría en Educación de la Universidad de la Región de Joinville (Univille), en la línea de investigación Currículo, Tecnologías y Prácticas Educativas, y está vinculado al Centro de Investigación en Arte en Educación (NUPAE). La pregunta de investigación se pregunta si: ¿las Experiencias Estéticas en la Educación Básica contribuyen a la constitución de sujetos críticos/sensibles y al desempeño de un docente/creativo? Este problema me llevó al siguiente objetivo: reflexionar sobre Experiencias Estéticas en la Educación Básica, a través de narrativas (auto)biográficas, con el fin de potenciar el sujeto crítico/sensible en la figura del docente/creativo. El método se basa en una investigación cualitativa con un sesgo hacia la narrativa (auto)biográfica, ya que esta disertación enfatiza narrativas personales e historias de vida (auto)biográficas, conectadas con historias (re)memoradas, involucrando a personas que fueron y son importantes en mi labor docente. . En el camino de esta disertación utilicé mis memorias en diálogo con los contextos en los que se vivieron Experiencias Estéticas, produciendo reflexiones y significados en la actualidad sobre el recorrido desde la Primera Infancia hasta la docencia. Los autores fundadores de esta tesis fueron fundamentales tanto en cuestiones conceptuales como metodológicas. Ellos son: Abrahão (2012), Freire (2017), Masschelein y Simons (2014), Duarte Jr. (2010), Meira y Pillotto (2022) y Zanella (2021), además de muchos otros que encontré y revisité a lo largo el camino como investigador y docente. Las Experiencias Estéticas son aquellas que nos llevan al movimiento imaginativo, en el que lo racional es atravesado por los sentidos, construyendo nuevos significados, y en este proceso se producen nuevos conocimientos. Esta disertación reveló, a lo largo de los cuatro capítulos/caminos que la componen, la contribución de las Experiencias Estéticas a la constitución de un sujeto crítico/sensible. Encuentra en las Experiencias Estéticas (re)memoradas un lugar de encuentro con la vida, palpitante y desafiante. Un lugar para el diálogo, la experimentación, la conciencia y la sensibilidad. El paseo por las memorias de la infancia y la adolescencia en la Educación Básica resultó en reflexiones y provocaciones sobre la importancia de una educación que tenga espacio para lo sensible en los currículos y las prácticas educativas.*

**Palabras clave:** *Experiencias Estéticas; Prácticas Educativas; Educación básica; Caminos Narrativos; Sensibilidad.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada na formatura em Pedagogia (2001) .....	9
Figura 2 - Festa de formatura – Pedagogia (2001) .....	9
Figura 3 - Grupo de formandos – Psicologia (2017) .....	9
Figura 4 - Viventes de pano (2017) .....	10
Figura 5 - Viventes de pano (2017) .....	10
Figura 6 - Viventes de pano (2017) .....	10
Figura 7 - Fotomontagem com a camiseta da primeira série – (Re)encontro com o nanico.....	12
Figura 8 - Camiseta da primeira série (1985) assinada por amigos e professores (1992) .....	12
Figura 9 - Agora professor assino a camiseta de um aluno (2023) .....	12
Figura 10 - Amigos no pátio da escola Santo Antônio (1991) .....	27
Figura 11 - Fotomontagem com foto dos amigos de escola (1991) inseridos em foto de 2023 do antigo prédio da escola.....	27
Figura 12 - Unidade Básica de Saúde da Família Leonardo Schilickmann (2023), nas décadas de 1980/1990 sede do Colégio Santo Antônio .....	27
Figura 13 - <i>QR code</i> com áudio de crianças de escola municipal de Joinville no intervalo de aula.....	28
Figura 14 - <i>QR code</i> com áudio do trânsito em frente à antiga sede do Colégio Santo Antônio.....	28
Figura 15 - <i>QR code</i> com áudio de reflexões do autor .....	28
Figura 16 - Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos (2023) .....	34
Figura 17 - Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos, pátio interno (2023) ..	34
Figura 18 - Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos, corredores (2023) .....	34
Figura 19 - Vô Domingos, pescador silencioso.....	34
Figura 20 - Autor seguindo os aprendizados do vô Domingos.....	41
Figura 21 - Autor cumprindo serviço militar (1997) .....	41
Figura 22 - Faculdade Guilherme Guimbala – FGG (2023) .....	41
Figura 23 - FGG – Cantina, ao fundo as antigas salas do curso de Pedagogia (2023) ....	44
Figura 24 - FGG – Prédio dos cursos de Direito e Psicologia.....	44
Figura 25 - Flyer produzido por este autor e utilizado na performance em Florianópolis (2017) .....	44

Figura 26 - Livreto produzido por este autor. Registros da performance em Florianópolis (2017) .....	51
Figura 27 - Alunos partícipes da intervenção em Florianópolis, no livreto de registros (2017) .....	51
Figura 28 - Teatro dos jovens aprendizes no pátio/quintal.....	51
Figura 29 - Teatro dos jovens aprendizes no pátio/quintal.....	55
Figura 30 - Jovens aprendizes e seus brasões.....	55
Figura 31 - Jovens aprendizes no Parque das Águas.....	55
Figura 32 - Jovens aprendizes em tenda no Parque das Águas.....	55
Figura 33 - Jovens aprendizes fazendo piquenique no Parque das Águas.....	55
Figura 34 - Encontro com Juarez Machado.....	56
Figura 35 - No palco do Festival de Dança Centreventos Cau Hansen.....	56
Figura 36 - Momento do lanche na Estação da Memória.....	56
Figura 37 - Alunos do Projeto Social Infraero em visita à torre de controle do aeroporto de Joinville.....	61
Figura 38 - Projeto Social Infraero, alunos reunidos no entorno da pedra em que fizeram uma intervenção artística.....	61
Figura 39 - Projeto Social Infraero – foto editada destacando os símbolos desenhados pelos alunos.....	61
Figura 40 - Vista panorâmica do palco do Teatro da Liga (2021) .....	65
Figura 41 - Diretora de teatro contando histórias do Teatro da Liga (2021) .....	65
Figura 42 - Alunas e professores no palco do Teatro da Liga (2021) .....	65
Figura 43 - Crachá do professor, criado para o Projeto It Girls.....	66
Figura 44 - Crachá do professor, editado emulando uma animação 3D.....	66
Figura 45 - Crachá de aluna, editado emulando uma animação 3D.....	66
Figura 46 - Palco Katherine Johnson – produzido por alunas do 1.º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Design de Interiores.....	67
Figura 47 - Palco Fernanda Montenegro – produzido por alunas do 1.º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Design de Interiores.....	67
Figura 48 - Palco Katherine Johnson – produzido por alunas do 1.º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Design de Interiores.....	67

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	8
<b>1. EDUCAÇÃO BÁSICA: DE ONDE FALA O SUJEITO CRÍTICO/SENSÍVEL?</b> .....	16
1.1 Atravessamentos e frestas na Experiência Estética: o caminhante .....	19
1.1.2 Percursos de uma Pesquisa Narrativa Auto(biográfica) .....	21
<b>2. MEMORIAS E SENSIBILIDADES: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> .....	24
2.1 Constituição do sujeito crítico/sensível: Ensino Médio .....	30
2.2 Experiência Estética: memória como propulsora do imaginário.....	35
<b>3. DE SUJEITO/CRÍTICO SENSÍVEL A PROFESSOR/CRIATIVO: CAMINHOS DA SENSIBILIDADE</b> .....	38
3.1 O sujeito crítico/sensível caminha até ao ensino superior.....	40
3.2 Caminhos de afeto: chegada ao ensino superior.....	43
3.3 Caminhos da docência: desvios e retornos.....	51
<b>4. DESCOBERTAS DO E NO CAMINHO: A VIDA POR UM FIO</b> .....	69

## APRESENTAÇÃO

*Na base da viagem há muitas vezes um desejo de mudança existencial. Viajar é expiação de uma culpa, iniciação, incremento cultural, experiência (Leed,1991).*

A primeira memória que tenho como sendo este ser desejante por experienciar – este caminhante – remonta da infância, quando estava ingressando na vida escolar. Das caminhadas no fundo do quintal de casa, onde construía trilhas pela imaginação dos meus pensamentos, atravessei os portões para o encontro com outros caminhantes, concentrados em uma sala de aula colorida e barulhenta.

Lembro-me de que, certa vez, nessas andanças pelo quintal, ou melhor dizendo, pelo meu mundo imaginário, fui interrompido por uma figura de poucos sorrisos, cara fechada e de olhar fustigante: era a vizinha que observava meus passos inquietos e minha fala solitária; ao menos aos olhos daquela mulher nada havia ali, apenas uma criança tagarela conversando aos ventos.

A presença repentina da vizinha intrometida forçou minha aterrissagem no mundo sem graça dos fundos da casa, que, apesar do aconchego de um espaço de muito verde, estava bem distante daquela incrível aventura de personagens fantásticos em busca do tesouro ali escondido, fruto da minha imaginação.

Escrevendo estas memórias, confesso sentir uma felicidade que hoje vem em forma de aperto no coração da criança sonhadora e andante que habita em mim e suspira para lembrar que ainda vive e tem morada no sujeito que estou me tornando. E esse sinal vital – do respirar profundo – é que traz a certeza de que continuo sendo um andante sonhador.

Voltemos à vizinha, a mulher sisuda, que sem pedir licença atravancou meus caminhos imaginários e o fez de forma abrupta, com tom de voz agudo e estridente. A vizinha, sem cerimônia nenhuma, chamou a minha mãe, que estava dentro de casa envolvida com os afazeres cotidianos para manter nossa casa em certa ordem. Ao escutar o chamado e preocupada pela urgência com que foi requisitada, logo saiu quintal afora, esbaforida, já me procurando em meio às folhagens e pequenos arbustos, pensando que algo de grave tivesse acontecido com seu filho.

Gravidade aos olhos da vizinha carrancuda, com certeza, porque logo que as duas se encontraram, e com minha presença, aquela senhora sem pestanejar deferiu seu veredicto acerca do meu comportamento. Preocupada demais com a vida alheia, cismou

que a minha fala solitária e os meus tesouros escondidos pudessem indicar algum “problema na cabeça”. É curioso revisitar essa cena, pois tenho a percepção de que, mesmo sem entender ao certo o que viria a ser um “problema na cabeça”, sabia sem sombra de dúvida que era ruim.

Atônito e confuso fiquei aguardando a resposta da pessoa mais importante daquele diálogo, minha progenitora, e considero esse momento como um dos mais cruciais da vida até aqui. Com semblante sereno, de posse de uma sabedoria adquirida com a experiência vivida, rebateu o questionamento da vizinha fuxiqueira, dizendo que seu filho era uma criança criativa e que se tornaria um adulto inteligente.

Nesta narrativa, escrevendo e refletindo sobre minha dissertação, espanta-me como um momento que durou poucos minutos reverberou minha trajetória ao longo da vida. A jornada do menino sonhador, criativo apenas começara.

Eis a grande jornada que até hoje não se finda, permanece em mim como forma de resistência, vivo em mim reside o menino que caminha pela imaginação. Ao mesmo tempo assumo o espaço do pesquisador aprendiz, que desde o ingresso no Ensino Superior de Pedagogia e depois de Psicologia e, posteriormente, no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville (Univille) acredita no potencial humano de criar mundos imaginários e concretos.

**Figura 1** – Entrada na formatura em Pedagogia (2001)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 2** – Festa de formatura – Pedagogia (2001)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 3** – Grupo de formandos – Psicologia (2017)



Fonte: Acervo do autor

Das certezas que posso carregar nesta caminhada, para além da minha finitude neste tempo/espaço, uma delas é o fato de que haveria de trilhar em direção aos estudos dos processos de criação e de suas possibilidades em constituir-se como Experiências Estéticas nos territórios da educação.

Salto no tempo cronológico para o ano de 2017, porque as memórias podem avançar e retroceder em uma centelha de pensamento; “o caráter temporal da experiência humana, pessoal/social, é articulado pela narrativa” (ABRAHÃO, 2012, p. 84). Nesse ano trabalho na conclusão do curso de Psicologia. Na ocasião desenvolvi tema pertinente aos processos de criação, sob o título *Processo de criação e experimentação de um dispositivo lúdico no contexto do Sistema Único de Assistência Social – SUAS*. Nesse trabalho foi criado um dispositivo lúdico como possibilidade de ferramenta em intervenção no contexto do SUAS, utilizando-o como mediador capaz de tornar concretas as percepções das situações cotidianas dos sujeitos de pesquisa, que eram profissionais do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS).

Ao final do referido trabalho, o que mais me afetou foi a possibilidade que a Experiência Estética propiciou para o diálogo a respeito do fazer desses profissionais, trazendo à tona temas delicados por meio da sua criação, principalmente a segurança física e emocional de usuários e profissionais do CREAS. Os (inter)locutores, sujeitos da pesquisa, foram convidados a dar vida a bonecos de pano pelo viés da imaginação, o que resultou na construção dos viventes de pano, que pelo sopro do imaginário representaram os usuários que eram atendidos no CREAS.

Na roda de conversa que se fez após os viventes de pano serem criados, os profissionais, (inter)locutores da pesquisa, lançaram sua visão crítica sobre os cuidados e o cotidiano com os usuários, que eram a população em vulnerabilidade social. Foi observável o afeto dos usuários pelos seus viventes de pano, quando por vezes os embalavam no colo – é o aspecto do sensível atravessando a Experiência Estética.

**Figura 4** – Viventes de pano (2017)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 5** – Viventes de pano (2017)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 6** – Viventes de pano (2017)



Fonte: Acervo do autor

Retorno no tempo, sem pedir licença, para aquele menino que sonhava acordado, condecorado pela rainha Mãe como o cavaleiro da criatividade, para dizer que a caminhada continuou, cheia de aventuras e descobertas, algumas reais e outras frutos da imaginação. São coisas de caminhante, que ao longo do percurso olha para o futuro horizonte e, por desejar demais chegar aos lugares sonhados, pode deparar com miragens. Elas vêm, por exemplo, em forma de um bom emprego que confere estabilidade financeira, talvez explicando o hiato de 11 anos entre a primeira formação em Pedagogia e a segunda em Psicologia.

Foram 15 anos, depois de formado pedagogo, para enfim adentrar em uma sala de aula no papel de professor. Parece muito tempo vivendo em uma miragem. Contudo a sociedade fez dela algo bem concreto, nela se engendrou a vida cotidiana; fui bancário, pagava minhas contas, acessava bens e serviços. É um lugar desejado, onde há a sensação de segurança em meio ao caos que espreitava a cada esquina, constatação esta brilhantemente orquestrada e imputada nos meus pensamentos pelos discursos de uma sociedade movida pelo capital.

Acredito que parte importante da caminhada são as paradas, por certo houve paradas, breves ou demoradas, e algumas delas, por ser este caminhante reflexivo, necessitei (re)visitar. Para mim, esses intervalos de tempo para (re)memorar percursos pelos caminhos da memória é como se assentar em uma colina e ter a oportunidade de ver ao longe os lugares por onde andei. Isso porque penso que oportunidade é estar no tempo certo, é preciso ficar atento ao tempo e, assentado na colina, olhar o tempo no passado, o tanto quanto for necessário.

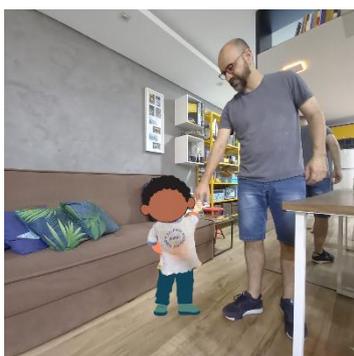
Aprendi que, por mais alto que seja a colina onde se decida parar e dar este tempo oportuno de reflexão, é impossível vislumbrar o todo percorrido; algo escapa no horizonte. A memória é um copo cheio de lembranças pela metade, e no ímpeto de saciar nossa sede por entender melhor quem somos, por vezes completamos a outra metade com nossas doses de imaginação. Ademais, a tentativa de ir cada vez mais alto, ou seja, observar o que ficou para trás, despense elevada energia, consome-nos, pois nos ensina a Física que em grandes altitudes o ar é (rare)feito. E aqui nesta colina pode ficar (rare)feito de ideias, sentidos e afetamentos. O passado já se faz montanha, está em todos os tempos, no que somos hoje e o que nos tornaremos amanhã; é preciso decidir descer e continuar.

De cima da colina onde vislumbro a montanha do passado, também consigo ver um novo horizonte que desponta e, ao fitar o horizonte que se abria adiante do caminho, permaneci caminhando. Na breve descida, colhi algumas memórias que deram frutos.

Frutos de sabores, cores e texturas diversas; são aprendizados doces e agrídoces que construí desejando compartilhá-los com outros caminhantes. Fui em menor medida e jamais em menor importância, do ponto de vista da experiência pessoal, um Zaratustra, a personagem criada por Nietzsche (2008), que desce da montanha sozinho para realizar seu anúncio. Desci igualmente como Zaratustra com a taça a transbordar e à vontade para seguir caminhando em direção à Educação.

Um caminhante nanico desde os tempos do primeiro ano do Ensino Fundamental e, por isso, alvo de chacota dos colegas da escola e na mesma proporção de todo o carinho e piedade que a figura de uma criança pequenina desperta nos corações mais suscetíveis. Segui nanico em estatura, nunca em desenvoltura, sempre falante e sagaz, cumpro com louvor todas as provas da vida escolar da Educação Básica sem dificuldades. Livros, cadernos e canetas eram meu escudo e arma, e a armadura forjada nas palavras da minha mãe, que um dia dissera que seu filho era uma criança criativa e inteligente. Ainda assim, chorei muitas vezes querendo ser um guerreiro com um físico mais robusto e demorei para perceber que minha força não residia nos músculos, mas encontrava morada na alma.

**Figura 7** – Fotomontagem com a camiseta da primeira série – (Re)encontro com o nanico



Fonte: Editado pelo autor

**Figura 8** – Camiseta da primeira série (1985) assinada por amigos e professores (1992)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 9** – Agora professor assino a camiseta de um aluno (2023)



Fonte: Acervo do autor

E foi nanico, tal qual o Davi da Bíblia cristã, que segui peregrinando, altivo e confiante, ainda que sabendo do embate que estava por vir. Munido de coragem e principalmente da curiosidade de um aventureiro de fundo de quintal, a dar orgulho a Dom Quixote, fui ao encontro do meu próximo Golias e de alguns dragões, agora no *campus* universitário de um Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação da Univille.

Sem demora, lá estava ele, no gigante *campus* universitário, senhor dos dragões, dos mestrandos e doutorandos, irradiando o brilho ofuscante que é próprio dos deuses teóricos do conhecimento em sua infinita iluminação – o Golias acadêmico reluzia. Tão forte a luz fazia desaparecer meus *insights*<sup>1</sup>, singelos feito os vaga-lumes, que tantas vezes em meu percurso perambulavam em rotas aleatórias em minha mente, competiam com as estrelas em noites solitárias de estudo.

A luz que emana de todo conhecimento acumulado por tantas eras pela humanidade provoca essa sensação de cegueira, parecendo que tudo já foi visto, respondido. Nada aparentemente escapa ao escrutínio científico, e isso nos faz sentir menores, eu novamente nanico, agora em outra dimensão. Sem visão, e com muitos pontos cegos, surge a dificuldade em continuar na caminhada sem exatamente saber para onde ir. Agora impedido de captar o brilho das estrelas ou dos “insight-lumes” para nortear esta navegação, foi imprescindível seguir a bússola que aponta para os polos magnéticos da sensibilidade. Esta memória do caminho remete a Didi-Huberman (2014, p. 30), quando escreve:

Veria Pasolini, à época, o meio contemporâneo a seu redor, como uma noite que teria definitivamente devorado, assujeitado ou *reduzido as diferenças* que formam, na escuridão, os movimentos luminosos dos vaga-lumes em busca do amor? Creio que esta última imagem não seja ainda a melhor. Não foi na noite que os vaga-lumes desapareceram, com efeito. Quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue. Não, os vaga-lumes desapareceram na ofuscante claridade dos “ferozes” projetores: projetores dos mirantes, dos shows políticos, dos estádios de futebol, dos palcos de televisão.

Acrescento humildemente às palavras de Pasolini outros “ferozes” projetores: os egos das abordagens acadêmicas, os discursos teóricos totalizantes e as dicotomias da sociedade binarista, todos simbioticamente (co)existindo no contexto social.

Assim se deu meu encontro com esta representação de Golias, em meio à luz ofuscante do conhecimento. Assentado em seu lugar, estava o gigante, e nos encontramos novamente em uma sala de aula, todavia, agora, branca e silenciosa. Tive um *déjà vu*, uma vez que tal ambiente já havia aparecido em meu caminho. Percebo que minha bússola interna apontava a direção, o lugar a ser visitado e (re)visitado – minhas Experiências

---

<sup>1</sup> Segundo os dicionários de Língua Portuguesa, trata-se de um substantivo masculino que significa clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz. Em Psicologia, é a compreensão ou solução de um problema pela súbita captação mental dos elementos e relações adequados.

Estéticas no período da Educação Básica, especialmente as das infâncias e também no convívio da família e dos amigos.

Foi assim que surgiu a questão de pesquisa: *as Experiências Estéticas na Educação Básica contribuem na constituição de sujeitos críticos/sensíveis e na atuação de um professor/criativo?* Essa indagação já me acompanhava em tempos de graduação e foi potencializada quando ingressei na Pós-Graduação – Mestrado em Educação e no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE)<sup>2</sup>.

O NUPAE é constituído de pesquisadores(as) que aprofundam questões relacionadas às sensibilidades em vários âmbitos da educação formal, não formal e informal. Senti grande identificação com os(as) investigadores(as) do NUPAE, uma vez que também eu me encontrava no campo da estética. Assim, muitas ideias e sentires foram mobilizados, até chegar ao objetivo da pesquisa: *refletir sobre Experiências Estéticas na Educação Básica, por meio de narrativas (auto)biográficas, a fim de potencializar o sujeito crítico/sensível na figura do professor/criativo.*

Nos percursos de pesquisa, foi necessário fazer apontamentos que nos levarão aos seguintes capítulos/caminhos: “Educação Básica: de onde fala o sujeito crítico/sensível?”. Nesta parte do percurso revelo algumas indagações que me mobilizaram na presente dissertação: minhas percepções sobre as mudanças nos ambientes escolares dos Anos Iniciais ao Ensino Médio. Caminho em direção às Experiências Estéticas tendo como fonte minhas memórias de estudante, um percurso narrado nesta pesquisa narrativa (auto)biográfica que investiga minha formação como sujeito que desenvolve seus processos criativos sem com isso perder a sensibilidade em relação ao mundo, o que denomino de sujeito crítico/sensível.

No capítulo/caminho “Memórias e sensibilidades: Experiências Estéticas na Educação Básica”, percorro as memórias dos Anos Iniciais e os primeiros registros na escola; a profusão de cores, cheiros e sons daquele novo mundo que se apresentava.

Em “De sujeito/crítico sensível a professor/criativo: caminhos da sensibilidade”, caminho em direção às minhas memórias do ensino básico até o ensino superior. Na caminhada (re)encontro professores e amigos que contribuíram para minha formação profissional e pessoal. Desvios e retornos de um trajeto que culminou na vida docente.

---

<sup>2</sup> O NUPAE foi criado em 2003 na Univille com o objetivo de desenvolver ações internas e externas à instituição, com parceiros nacionais e internacionais. As linhas de pesquisa desenvolvidas são: **Educação Estética e Processos de Criação e Educação, Linguagens e Práticas Educativas** (<http://www.nupae.com.br/>).

O percurso da escrita finda no capítulo/caminho “Descobertas do e no caminho: a vida por um fio”. Neste trecho do caminho é o momento de costurar memórias e tecer a respeito da docência e das Experiências Estéticas como propulsoras na constituição de um sujeito crítico/sensível.

## 1. EDUCAÇÃO BÁSICA: DE ONDE FALA O SUJEITO CRÍTICO/SENSÍVEL?

*Não é coisa que eu tenha inventado. Me foi ensinado. Não precisei pensar. Gostei. Foi para a memória. Esta é a regra fundamental desse computador (o cérebro) que vive no corpo humano: só vai para a memória aquilo que é objeto de desejo. A tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda (Alves, 2012).*

Sim, permanece na memória aquilo que nos afeta e que nos (des)loca do lugar comum. Desse modo, minha intenção aqui é refletir sobre os impactos da Experiência Estética no contexto dos Anos Iniciais da Educação Básica, haja vista minha percepção de que gradualmente foi se acometendo aos ambientes – escola e academia – certa sisudez desses territórios.

Descrevo aqui os ambientes cada vez mais monocromáticos, de paredes pálidas, perdendo pouco a pouco o colorido dos Anos Iniciais. Paredes pálidas que, no decorrer da minha jornada, se tornaram comuns à medida que se aproximava do Ensino Superior, com especial percepção dessa ruptura ao ingressar no Ensino Médio.

Parte dessa sisudez pálida aparece nas compartimentações em que os componentes curriculares e seus conteúdos, quando trabalhados como ilhas sem ligação com outros conhecimentos, se esvaziam de sentidos. O desconhecimento de alguma “ilha” pouca diferença fazia, frustrando em certa medida a minha veia aventureira, ávida por caminhar nas ilhas e navegar no arquipélago.

Como estudante da Educação Básica, minha memória se constitui, em parte, dos conhecimentos apropriados, outras partes compostas de sentidos e afetamentos. Dos tempos de alfabetização, de fato não me recordo das primeiras palavras escritas e decifradas. Contudo a cartilha ilustrada, com animais na capa, felizes e brincando em um parquinho em que a letra “A” servia de eixo para uma gangorra, essa sim permanece vívida.

Lembro-me do espanto que a imagem da cartilha causava, afinal, esse mesmo símbolo via misturado a outras letras, que na época eram para mim desconhecidas. Pensava então: o que fazia tal símbolo naquele contexto? Espanto e curiosidade. Quiçá, seja esta a missão dos educadores: causar espantos e cultivar a curiosidade, como afirma Alves (2011).

Ao lançar hoje o olhar do sujeito/crítico, aprendiz/pesquisador/estudante e professor/criativo, fico a pensar sobre os profundos impactos que ocorrem nos percursos formativos dos estudantes e também de seus professores. Em que medida ambos (estudantes e professores) tiveram Experiências Estéticas e como a presença ou ausência delas os afetava e afeta? Quais Experiências Estéticas e de que maneira vai se constituindo o sujeito com visão crítica sobre o que o circunda e o que é promovido para potencializar a dimensão do sensível, o que chamo aqui de um sujeito crítico/sensível? A Educação Básica ainda destaca a cognição em detrimento da sensibilidade? Sobre essa questão, Pillotto (2006, p. 51) nos diz que a união entre cognição e sensibilidade é fundamental para a formação do ser crítico/sensível e destaca:

[...] a partir de seu potencial de associações e imaginação, bem como de suas necessidades interiores, os indivíduos ampliam os processos intuitivos que informam o próprio modo de conhecer, na relação de suas experiências afetivas, as suas construções cognitivas.

Com as minhas inquietações, lancei-me no desafio de investigar se tais percepções a respeito do sensível, que floresce também nas Experiências Estéticas na escola, configurariam em memórias distorcidas de um professor caminhante – eu mesmo. Indago também se no campo de pesquisa, que é minha própria jornada pela Educação Básica, de fato houve um esvaziamento gradual de cores e até de desejos pela ausência ou pela tímida presença das Experiências Estéticas.

Esta dissertação não buscou especificamente encontrar respostas para problemáticas surgidas em meu percurso e naquilo que ficou dele, mas sobretudo pretende *refletir sobre as Experiências Estéticas na Educação Básica, por meio de narrativas (auto)biográficas, a fim de potencializar o sujeito crítico/sensível na figura do professor/criativo.*

Além disso, reflito se na abordagem narrativa (auto)biográfica encontro pistas, como se a procura do tesouro naquele quintal das infâncias pudesse indicar efeitos, tendo as Experiências Estéticas como um dos alicerces para a constituição de um sujeito crítico/sensível. Sujeito que constantemente nutre seu olhar ético/estético. Conforme Dos Reis e Zanella (2015, p. 30), “nosso olhar não é um fato natural, mas constituído histórica e socialmente”.

O olhar precisa ser exercitado no (des)locar-se da passividade para o movimento/vivo, pois, para as autoras, (des)colar-se da função autonomista da percepção

cotidiana é necessário ao olhar estético. Este é, antes de tudo, um olhar “ativo e criativo”, que busca outros ângulos de leitura, “[...] produzindo sentidos e plasmando na imaginação novas imagens do mundo e de si próprio” (Dos Reis; Zanella, 2015, p. 30).

Sendo assim, como pesquisador/aprendiz e professor/criativo e caminhante, trago minhas Experiências Estéticas, que se iniciaram nas infâncias e me acompanharam em caminhos outros, trilhados por mim. Caminhos que (per)passaram da condição de criança ao adolescente até o pesquisador/aprendiz e professor/criativo e sempre caminhante.

Na bagagem trago também os parênteses – o (entre)lugar – e nele afirmo a experiência de olhar-me, percebendo as partes de mim mesmo – minhas memórias (Deleuze; Guattari, 2011).

Encontro-me, então, imerso em acontecimentos passados com minhas memórias frente a frente, umas das outras. As memórias que estiverem em meu campo de visão do outro lado, no interior do círculo ou em qualquer outra parte, por vezes não tão visíveis. Essas memórias potencializaram uma nova compreensão sobre quem eu fui e quem eu sou. Memórias que se (entre)laçam umas às outras; cenas que se (re)inventam ao serem (sobre)postas; existência infinita de significação quando os sujeitos internos a mim se olham (Deleuze; Guattari, 2011).

Esse (entre)lugar possibilitou-me devanear pelas veredas temporais de minha existência, permitindo-me um mergulho nos sentidos e pensamentos das relações entre presente/passado/presente que trazem a ideia de um eu a ser narrado.

Presente e passado conversam pelas memórias produzidas e, mesmo que sejam diferentes em temporalidade, e “[...] embora não se fale do que se vê e não se veja aquilo de que se fala, [...] compõem o estrato e, de um estrato a outro, se transformam ao mesmo tempo (ainda que não segundo as mesmas regras)” (Deleuze, 2005, p. 75-76).

Portanto, quando em algumas palavras dessa dissertação coloco parênteses, é para reiterar que o entre e o meio, como afirmam Deleuze e Guattari (2011, p. 49),

[...] é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Desse modo, para além das minhas experiências e memórias, encontro refúgio teórico e metodológico em autores que me ajudaram a encontrar pistas e efeitos, no

sentido de uma melhor compreensão do lugar da Experiência Estética no contexto da Educação Básica e na constituição de sujeitos críticos/sensíveis.

### **1.1. Atravessamentos e frestas na Experiência Estética: o caminhante**

Experiências Estéticas são aquelas que nos conduzem ao exercício imaginativo, em que o racional é atravessado pelos sentidos, edificando novos significados, e nesse processo um novo saber é produzido. Como afirma Duarte Jr. (2010, p. 147), “a experiência estética, por conseguinte, parece constituir um elemento precioso na maturação e desenvolvimento do cérebro humano e em sua atuação perante a vida”.

As Experiências Estéticas rompem com a visão dicotômica de cisão da mente e corpo, visão que provocou como resultado para a Ciência a compartimentação do conhecimento em partes, que se especializaram em seu objeto, mas que juntas não oferecem reflexões suficientes para explicar os fenômenos humanos em sua totalidade.

Nesse sentido, as Experiências Estéticas trazem um aspecto importante, dado que, na educação do sujeito hoje, “[...] sua dimensão imaginativa, emotiva e sensível (ou sua corporeidade) deve ser colocada como origem de todo projeto que vise a educá-lo e a fortalecê-lo como princípio da vida em sociedade” (Duarte Jr., 2010, p. 144-145). Portanto, é fundamental refletirmos sobre as Experiências Estéticas como um espaço significativo e propulsor de sentidos, ampliando processos imagéticos, criativos e críticos dos estudantes da Educação Básica.

O sujeito cria por necessidade, e esta não está somente circunscrita no campo das artes, e sim em todo os processos humanos. Dessa forma, mobilizar tais processos imagéticos e criativos também caberia aos contextos da Educação Básica, visto que eles são importantes nas práticas educativas e na construção de sujeitos com autonomia, críticos e sensíveis perante a realidade. Para Ostrower (1986, p. 10),

[...] o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, como ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando. Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. [...] toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos.

Em meu percurso, sendo este caminhante que decidiu trilhar pelos campos da Educação, as Experiências Estéticas foram se (con)figurando em espaços de observação e de processos imagéticos, que me levavam para o universo do fazer criativo. Sobre essa

questão, Pillotto (2007, p. 116) escreve que “o fazer criativo sempre se desdobra numa simultânea exteriorização e interiorização da experiência da vida, numa compreensão maior de si própria e numa constante abertura de novas perspectivas do ser”.

O fazer criativo na Educação revela-se crucial para uma prática que promova abertura para novas experiências; no meu percurso formativo, abri fendas para que o imaginário pudesse exercer a liberdade de ir e vir do presente/passado/presente, pois o que seria de um caminhante sem essas vias de experimentação?

Percebo as Experiências Estéticas como espaços de acolhimento dos sujeitos com suas próprias experiências de vida e suas visões de mundo. No compartilhamento de experiências e saberes, no encontro de singularidades múltiplas é possível a constituição de novos pensares, ou seja, sujeitos críticos/sensíveis.

É nesta jornada de caminhantes que insiro meu percurso como aprendiz, pesquisador e professor/estudante/criativo, no contexto da Educação. Como professores somos mediadores de saberes culturais de uma geração a outra e, por conseguinte, desta educação itinerante. E no movimento de caminhar, (trans)formamos o mundo das ideias, das linguagens e das culturas.

Caminhar também é característica deste ser humano amoroso e (in)concluso, que diante de sua (in)finitude se insere “num permanente movimento de busca”, como já nos indicava Freire (2017, p. 101). Caminhando o sujeito (trans)forma seu território e impregna o mundo com a “[...] sua presença criadora através da transformação que realizam nele [...]” (Freire, 2017, p. 124).

Pois bem, se o sujeito é esse ser da criação, os processos por ele desenvolvidos também se dão no campo da Educação, que *a priori* deveria instigar e fomentar professores e estudantes na construção de espaços potencialmente criadores. Espaços nos quais os sujeitos conscientes do mundo em que vivem, críticos acerca dele e conhecedores da sua ação (trans)formadora podem constituir-se como pessoas críticas/sensíveis. A escola, portanto, pode ser um espaço de criação, de invenção e de amorosidade.

Freire (1996, p. 11) provoca-nos a pensar a escola como um espaço de amorosidade e alerta-nos sobre a equivocada afirmação de que “[...] serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e ‘cinzento’”. Ainda sobre essa questão, Meira e Pillotto (2022) ressaltam que a amorosidade é (re)significada como liame rizomático a impedir a separação de esferas do pensamento e relações (inter)subjetivas. Uma forma-ação na qual importa quem somos e como vivemos, o que implica situações que adotamos para manifestar afeto.

Logo, o sentido de amorosidade é um fator de contaminação imprevisível na ordem das operações subjetivas com fatos objetivos. O que acontece em termos de afeto traz sempre uma profusão de signos, crenças, expectativas em relação a si e ao outro. Nessa perspectiva, apostar na (im)pessoalidade é relevar uma vida de exterioridade, do de-fora. Ou seja, é preciso aceitar o novo, o imprevisível, a contingência, o efêmero, já que tal atitude é a dimensão construtiva da existência (Meira; Pillotto, 2022).

É na escola/coração em que pulsam amorosidade, sensibilidade, criação inventiva que se deu e se dá parte da minha caminhada. Escola produtora de laços de amorosidade, lugar onde trilhei com passos vigorosos para emancipação do pensamento, que me fez curioso e atento ao mundo externo.

Essa escola/coração não está delimitada às quatro paredes de uma sala de aula, institucionalizada, e sim em relações construídas em amorosidade. Uma escola também intramuros, em que a parcela significativa da população aprende a ler o mundo.

A escola intramuros pode ser um espaço de experimentações agradáveis ou desagradáveis, e é nesse espaço, sobretudo, que os sujeitos caminhantes desvendam alguns mistérios, para logo após descobrirem que mistérios não se findam; há, contudo, perguntas que ainda não foram feitas. Nesta aventura de interrogações, as histórias terminam em reticências, e os pontos-finais só servem para terminar um parágrafo, para imediatamente iniciar outro, com novas reflexões e indagações.

O trajeto que me constitui sujeito crítico/sensível foi percorrido, em boa parte, nos caminhos da Educação Básica. Foram nas Experiências Estéticas oportunizadas no ambiente escolar que os aprendizados ganharam mais sentido, potencializando meu olhar para o mundo.

## **1.2. Percursos de uma pesquisa narrativa auto(biográfica)**

A escolha pela pesquisa narrativa (auto)biográfica trouxe o desejo de (re)visitar Experiências Estéticas na Educação Básica, no intuito de potencializar o sujeito crítico/sensível na figura do professor/criativo, compartilhando memórias talhadas pelas inquietudes de um caminhante aprendiz – eu mesmo.

Narrar minhas Experiências Estéticas é um movimento de (re)visitamento dessa faculdade que, *a priori*, é um dos componentes que nos fazem humanos. De acordo com Benjamin (1986, p. 197-198), “a arte de narrar está em vias de extinção”, ou seja, nossa dificuldade de “intercambiar experiências”.

Faço na escrita desta dissertação um esforço/movimento para narrar minhas Experiências Estéticas na Educação Básica, pois a narrativa “[...] não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (Benjamin, 1986, p. 221). Sua potência nos afirma o inacabamento do ser, conectando nosso corpo a um outro tempo no qual presente/passado/presente são afetados de tal modo que nos mobilizam a produzir novos sentidos e percorrer outros caminhos.

Também as convergências fazem as narrativas verossímeis, o que não significa tomá-las como verdades absolutas. Outrossim, vou ao encontro do pensamento de Geraldini (2010), ao destacar que o modo de dizer de quem narra e seus efeitos depende também dos conhecimentos, saberes e experiência de quem escuta. Ou seja, ambos (re)organizam seus modos de pensar com base nas relações que estabelecem com o que foi narrado. A intenção, todavia, foi a de (com)partilhar narrativas na espera de que elas possam também afetar quem as lê, assim como me afetaram ao serem (re)memoradas.

Se, por um lado, farei por meio desta escrita um percurso pelos caminhos por mim trilhados na Educação Básica, por outro, há de se fazer um percurso anterior, imerso em algumas das memórias que me (trans)mutaram. E, por certo, uma viagem que não se finda no encontro dessas memórias, e sim no exercício vigoroso de depuração dos conteúdos, já impregnados de afetos e sentidos.

Em meus fragmentos de memórias, articuladas a teóricos que me afetaram, não necessariamente em corpo presente, mas em teias pensantes e sentidas, fui construindo, ao longo da minha dissertação, relações de apreensões, afetos e sensibilidades. Também se levaram em conta no caminhar da pesquisa as percepções e os efeitos daquilo que era posto, captado e (re)memorado por mim. Afinal, “[...] toda a apreensão realizada pelo indivíduo está ligada às interpretações dos símbolos que lhe falam, bem como ao valor que lhes é dado a partir das relações construídas pelo que percebe e internaliza da realidade” (Pillotto, 2006, p. 57).

Mobilizo-me com as narrativas (auto)biográficas por compreender que o percurso formativo nas escolas deve não somente privilegiar a assimilação e reprodução de conteúdo programático, como também, sobretudo, a nutrição estética. Para que ela ocorra, é necessário conectar-nos, cada qual com sua visão perceptiva, ampliando o olhar sensível. É pensar com seriedade e o rigor que a Educação exige, oportunizando espaços de criação em que as relações afetivas se façam presentes. Essas relações podem constituir, como nos fala Zanella (2004, p. 138), “[...] uma experiência pautada por uma

sensibilidade que descola a ambos, sujeito e objeto, do imediato, da existência física e concreta”, contribuindo para a formação de um sujeito crítico/sensível.

Por conta das questões aqui colocadas, a abordagem narrativa (auto)biográfica veio ao encontro do que eu esperava de uma pesquisa em Educação. A escrita narrativa foi e é, para mim, um mergulho nas memórias mais profundas, aquelas atemporais, nas quais as experiências são (re)significadas e, portanto, constituídas em outra experiência. Narrar, como menciona Souza (2007), é pronunciar uma experiência refletida de si, a qual (re)significamos em sentidos e significados.

Nesta dissertação a memória (re)visitou fragmentos de vida, (de)marcando “[...] um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as possibilidades de narrar as experiências” (Souza, 2007, p. 102). A abordagem narrativa (auto)biográfica possibilita de alguma maneira potencializar a autoria das práticas educativas e ainda “um meio de expressão da identidade pessoal e profissional”<sup>3</sup>, como afirma Bolívar (2018, p. 15, tradução minha).

Se o átomo é a unidade básica da matéria, a memória é a unidade base da alma humana. A memória guarda e revela; aprendemos nos percursos da vida e memorizamos as experiências que constituem as rotas do nosso mapa *mundi* particular, que se expande a cada vivência. Guardamos memórias e, quando trilhamos caminhos conhecidos, as revelamos, trazemos à tona, emergimos os dados para que a orientação guardada nos guie.

A Experiência Estética nos convida a guardar memórias, somos (entre)laçados pelo sensível – o corpo é receptor e demanda de múltiplas dimensões, capturando o momento vivido, experienciado. São memórias de guarda, como são os bons vinhos, que envelhecem para se tornarem únicos, memórias preciosas.

Nutrir-se de uma adega repleta de vinhos/memórias é excepcional, um assombro, luxúria onírica em que o maior pecado é não usufruí-la, e cá estou compartilhando uma safra de vinhos/memórias da Educação Básica e de alguns achados da Educação não formal. Abro uma garrafa e sento cheiro de cantina, na seguinte, gosto de cartilha, outra é a coloração e de paredes desbotadas do Ensino Médio.

---

<sup>3</sup> No original: “un medio para expresar la identidad personal y profesional”.

## 2. MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*[...] mostrar a árvore que ainda não existe, a trajetória invisível de um som até sua inesperada palavra, a rebelião de uma ideia e suas cinzas, o momento em que a chuva é posterior a sua pronúncia (Skliar, 2014).*

Importante neste capítulo/caminho destacar algumas pesquisas do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), pois, além de trazer em minhas bagagens inquietudes, as pesquisas do Núcleo foram referências na minha caminhada, ora convergindo, ora deixando espaços vagos para outras bagagens. Em resumo, são memórias compartilhadas de caminhantes pesquisadores que se entrelaçam às minhas na produção de sentidos outros.

Das pesquisas que dialogam com a minha, cito “Percursos de uma professora andarilha na educação infantil: narrativas (auto)biográficas”, de autoria da Professora Mestra em Educação Patrícia Regina de Carvalho Leal, e “Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação”, da Mestra Letícia Caroline da Silva Jensen.

Leal (2019) narra alguns momentos de infância e da trajetória docente, a fim de refletir sobre a professora que foi se tornando, o que convergiu com meus esforços nesta dissertação, trazendo as Experiências Estéticas no contexto familiar e nos ambientes escolares, especialmente a Educação Básica, reiterando a importância do olhar estético para a formação de um sujeito crítico/sensível.

Jensen (2019) disserta sobre experiências sensíveis com a literatura e o impacto de oficinas literárias realizadas com jovens do Centro de Referência e Atendimento Social (CRAS) com relação às suas histórias de vida. A literatura ganha potência quando esses jovens se percebem como autores de sua própria vida, redescobrimo-se também na literatura.

Ambas as pesquisas são narrativas e, tal qual a minha dissertação, reinventam as suas memórias, (re)significando-as no presente. Leal (2019) revisita suas próprias histórias como professora de Educação Infantil; Jensen (2019) traz seu amor pela literatura aos adolescentes do CRAS, deslocando-os para o universo do imaginário.

As Experiências Estéticas em ambos os trabalhos são canais por onde passam histórias, afetos, imaginação e criação, também destacados por mim. O espaço que trago

em minha dissertação é o ponto de (inter)secção como o (entre)lugar. É aquilo que me moveu na Educação Básica e o que me mobilizou – a espera. Ou ainda, o vazio ou o cheio entre a Educação Básica e a ação docente – o que fui e o que sou hoje e muito provavelmente o que serei amanhã.

Com base nas pesquisas do NUPAE aqui selecionadas e outras tantas que não foram citadas, mas são potentes de sensibilidades, defronto-me com o compromisso de (re)pensar o meu percurso na Educação Básica e, não obstante, percebo o desafio que é, porque as trilhas a serem (re)visitadas estão no campo da memória afetiva. De fato, não poderia ser diferente se entendemos que a Experiência Estética “não é o que acontece (acidente), é no que acontece no puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (Deleuze, 2003, p. 152). Trata-se de uma profusão de sentidos que acontece no presente e que pode ser (re)avivada no futuro.

Em meus percursos de pesquisas nesta dissertação, muitos acontecimentos foram (re)avivados, (re)inventados e potencializados, articulados na expansão e multiplicidade de pensamentos e sentires. E quiçá, no ato de narrar minhas memórias, a narrativa possa se constituir de poéticas (Meira; Pillotto, 2022).

Fiz desta escrita um ato paradoxal em que, ao narrar as Experiências Estéticas vivenciadas por mim como estudante e docente/aprendiz, me movimento em produzir conhecimento científico, ao mesmo tempo em que me (re)conheço como um narrador de histórias. Foi preciso, assim, estar ciente de que “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (Benjamin, 1986, p. 203).

A Educação Básica nos Anos Iniciais, no meu (re)memorar, foi um espaço de cores, formas e cheiros e no qual aconteceram minhas primeiras Experiências Estéticas na vida escolar. Hoje, quando o tempo parece um tempo de silêncios e ruídos e não tão longe quanto parece, reflito sobre a importância da escola, em que o real e imagético se atravessam, uma vez que em nossa “[...] existência humana, sempre e de forma contínua, ocorrem experiências, sejam de natureza sensível ou não” (Campos, 2007, p. 156).

Trago aqui a narrativa de memórias como ponte para a passagem do presente/passado/presente, que tem minha mãe como (inter)locutora; imbuída pelo desejo de que eu fosse à escola ao menos sabendo as letras, incentivava-me a copiar letras e palavras no caderno de alfabeto.

É certo que só uma mãe apostaria que o filho, aquela criança criativa e sonhadora, era um ser especialmente inteligente. Na informalidade daquela metodologia de copiar

letras e dedicar-se na supervisão da tarefa, minha mãe acreditava que tais exercícios me ajudariam quando entrasse para a escola.

Também havia a televisão com aqueles filmes fantásticos, que eram alimento para minha imaginação, bem diferente da tediosa tarefa de reproduzir letras e palavras no caderno, mesmo que para minha mãe fosse a porta de entrada para um novo mundo. Laços afetivos potencializados entre mãe e filho, balizados na confiança, no cuidado, na preocupação e, especialmente, na amorosidade.

Eis que se impõe o ditado popular: “a primeira impressão é a que fica”. Permuta a palavra “impressão” por “experiência”. Dito isso, a primeira experiência neste lugar tão diferente e diverso que é a escola foi, para mim, captada pelos sentidos. Por falta de vocabulário, não saberia naquele tempo de infância descrever em palavras o que acontecia comigo; hoje me ocorre que a palavra é (in)quietação.

Retomo a esta altura da narrativa à década de 1980, especificamente no ano de 1985, com a minha chegada àquela sala barulhenta e colorida, a iniciação no espaço da escola formal – lugar de afetos, descobertas e sentidos. Coisa espantosa aquele mundo indecifrável de códigos, desenhos de animais pintados em telas penduradas nas paredes, o cheiro das carteiras feitas de madeira maciça e todo o cenário que mobilizava o imagético infantil.

Lembro-me de que todas as carteiras continham riscos e rabiscos; na minha percepção hoje, parecem pictografias feitas pelos nossos ancestrais, registradas em cavernas, contendo símbolos de suas impressões sobre o mundo. Registros também fizeram os estudantes anteriores a mim, que a seu modo, com canetas, lápis e compassos, esculpíram seus desenhos de zé-palito, seus nomes e rabiscos aleatórios, que faziam sentido somente a eles mesmos.

As carteiras eram de fato artefatos de manifestos, desde poeminhas endereçados a amores correspondidos ou não, malcriações de deixar qualquer adulto corado de vergonha e, claro, bastava passar as mãos por debaixo da carteira para tatear os chicletes grudados. Com toda certeza, já haviam proibido o tal doce borrachudo na escola, censura que logo viera por terra. Afinal, as figurinhas colecionáveis da Copa do Mundo vinham de brinde nos chicletes, e a Copa era motivo mais do que suficiente para atender ao clamor dos estudantes e pais, porque não poderia haver escola tão rigorosa que desse fim à felicidade de se envolver no clima futebolístico.

A escola, na minha visão de menino miúdo, cabelos pretos encaracolados, era de um enorme prédio branco, janelas quadradas de ferro e vidro que se abriam em várias

partes quando acionada uma engenhosa manivela que eu nunca tinha visto... “que coisa estupenda!”, tal criança (eu) imaginava.

As salas eram distribuídas em dois pavimentos, o térreo e o primeiro andar, e ansioso estava eu em subir aquela maravilha arquitetônica que chamavam de escada. Meu pai só sabia fazer casa de madeira pequena, com apenas metade do telhado; ouvia dizer que era uma meia-água. E então pensava em meus pensamentos de criança: “é incrível alguém ter a habilidade de construir uma casa em cima da outra!”.

(Re)visitando o prédio da escola, que hoje abriga um ambulatório municipal da cidade de Joinville, apenas vejo uma construção retangular, sem muita graça, de cor azul e um pequeno estacionamento, que em outros tempos era o imenso pátio onde eu corria e jogava bola de gude; foi nesse lugar hoje imaginado que fui compreendendo o significado da palavra diversidade.

**Figura 10** – Amigos no pátio da escola Santo Antônio (1991)



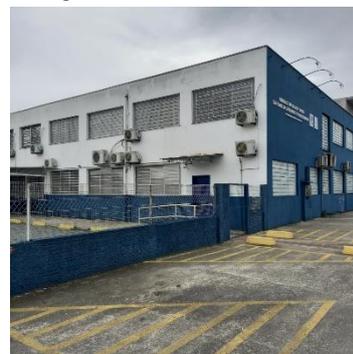
Fonte: Acervo do autor

**Figura 11** – Fotomontagem com foto dos amigos de escola (1991) inseridos em foto de 2023 do antigo prédio da escola



Fonte: Editado pelo autor

**Figura 12** – Unidade Básica de Saúde da Família Leonardo Schilickmann (2023), nas décadas de 1980/1990 sede do Colégio Santo Antônio



Fonte: Acervo do autor

Nos primeiros dias na escola, arregalava os olhos castanhos em direção àquela multidão de seres tão diferentes a mim, mas que tínhamos em comum os uniformes e talvez sonhos e (in)quietudes. Escutava atenciosamente a estridência dos gritos no pátio de chão revestido de saibro, as sonoras risadas e muitos outros ruídos.

Sentia que pertencia àquele lugar e, como todo aventureiro, queria mesmo era largar as mãos preocupadas da minha mãe para correr em direção ao que viria a ser a mais épica e perene aventura da vida, a “beleza de ser um eterno aprendiz”, como na música e letra de Gonzaguinha. O ar tinha cheiro de material escolar novinho em folha com borracha, giz de cera, tinta guache; e claro, logo descobriria o cheiro dos sonhos, os feitos na cantina e os que iriam popular meu imaginário.

A cantina mereceria um capítulo à parte, pois foi lá que cometi as primeiras (trans)gressões, ao menos as alimentares. Não havia regras nem restrições do que comer, alguém saudosista diria que sobrevivemos à década de 80. Lembro que o maior impedimento era o financeiro, juntava um punhado de moedas para comprar balas, o dinheiro era pouco, a inflação era muita, e como qualquer criança não compreendia o contexto socioeconômico a fundo. Contudo percebia a dificuldade de conseguir dinheiro com meus pais e que desde sempre achava grande disparate a quantidade de moedas necessária para tão pouca bala.

Era uma escola particular, a mensalidade era custeada por bolsa de estudos, pelo menos eu assim achava até iniciar esta dissertação. Foi com surpresa que soube aos meus 40 anos de idade que fora minha mãe, com seu salário de costureira, quem pagara as mensalidades. O pouco que sobrava juntava aos ganhos do meu pai, um operário da indústria, e assim custeavam as despesas da família. Eis a beleza de (re)visitar nossa história – a possibilidade de desvendar o que nem se pode chamar de mistério, talvez tenham sido nossas memórias/verdades que nunca foram ou precisaram ser questionadas.

Tenho muitas memórias vívidas e sonoras desse tempo; recordo-me, e posso até escutar ainda agora, do sinal alertando o começo das aulas. Porém não o fim da agitação, pois esbarrava em tudo e em todos – éramos crianças desajeitadas, como todas deveriam ser, queríamos ocupar todos os espaços ao mesmo tempo. Entre um esbarrão e outro, fazíamos amigos, outros nem tanto, não tínhamos muito tato para as relações, aprenderíamos com o tempo e com a experiência. Deixava de ser apenas eu, o filho único, para sermos nós.

**Figura 13** – *QR code* com áudio de crianças de escola municipal de Joinville no intervalo de aula



Fonte: Acervo do autor

**Figura 14** – *QR code* com áudio do trânsito em frente à antiga sede do Colégio Santo Antônio



Fonte: Acervo do autor

**Figura 15** – *QR code* com áudio de reflexões do autor



Fonte: Acervo do autor

Socializar nem de longe foi o maior aprendizado, ao menos para minha experiência individual. O que permaneceu e foi potencializado nesse percurso com certeza foi a (in)quietação de menino ávido em (des)velar o mundo.

Foi no frenesi de encontros com esbarrões e conversas risonhas no pátio poeirento da escola, nas coloridas salas de aula, na fila da cantina que cheirava a pastel e dos corredores que fui me achegando nestes outros. Ao perceber a diferença ou a semelhança entre nós, percebia em mim o que me diferenciava e o que me aproximava – o outro me daria novos contornos. E como nos falam Zanella, Balbinot e Pereira (2000, p. 244),

[...] só me reconheço enquanto eu a partir de outros eus, embate esse que é constante, posto que a diferença e diversidade pautam o humano. Porém, o embate se configura na medida em que reconheço esse não-eu, e o signífico de algum modo, seja rechaçando, ignorando, aproximando ou identificando-me com ele, em um movimento que vincula o não-eu ao eu e o eu ao não-eu.

Portanto, a socialização é a construção do ser social, feita em boa parte pela educação; é a percepção do ser humano e de uma sucessão de normas e princípios, sejam morais, religiosos ou de comportamento, que indica a conduta do indivíduo num grupo. Essa concepção coletiva torna o indivíduo sociável capaz de aprender hábitos e costumes para conviver com os demais (Silva, 2017).

E absolutamente tudo era (in)quietação nos tempos de escola, um misto de agitação com o inesperado. A (in)quietude pode revelar o aprendiz que somos, pois aquele que não se move estático está, o que não cabe aos processos de aprendizagem. Estes necessitam de ousadia, rebeldia, coragem, movimento, tão presentes nas Experiências Estéticas.

É preciso que a Educação Básica não abandone o propósito do (des)locamento para outras possibilidades para não nos perdermos em uma educação bancária, já que nessa visão, como nos alerta Freire (2017, p. 88), os estudantes “[...] já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para concepção ‘bancária’, tanto mais ‘educados’, porque adequados ao mundo”.

Se houve, pela escola, a tentativa de me pacificar, foi em vão, pois, mesmo me adequando às normas e regras, como, por exemplo, fazer fila antes da entrada das aulas, cantar o Hino Nacional, manter o uniforme alinhado e tantas outras, bastava uma aula para colorir figuras e letras que o mundo se tornava este fenômeno misterioso.

## 2.1. Constituição do sujeito crítico/sensível: Ensino Médio

Das memórias que (re)vivo nesta dissertação é chegada a hora do Ensino Médio, tendo minhas primeiras percepções de um certo (des)colorir, vindo dos Anos Iniciais de salas de aula apinhadas de cartazes, cheiros, cores e desenhos da autoria de estudantes; (des)cubro um ambiente com uma restrita paleta de cores.

Agora a caminhada é do sujeito crítico/sensível inscrito no corte etário dos 15 aos 24 anos, que é o público jovem, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS). Para Santiago (2018, p. 87), é um “[...] tempo de escolhas difíceis para sua inserção no grupo social [...]; eles carregam dentro de si incertezas, em que os sonhos e desejos ainda estão idealizados, e não realizados”.

Minha jornada no Ensino Médio ocorreu na década de 1990, e duas décadas depois são (in)questionáveis as mudanças no contexto social. Fato que permanece é a relação professor e estudante como dialógica, agora em um mundo volátil, veloz e (in)certo tangenciado pela rede internet, reforçando a necessidade de (re)orientar as práticas educativas como um exercício constante. A sociedade passou por mudanças importantes na virada de século XX para o século XXI, e a educação formal necessita acompanhar os novos rumos culturais, (re)inventando-se.

Trago minhas memórias para o tempo presente, em que os sujeitos se inserem nesta sociedade fluida (Bauman, 2003), e reflito que é preciso serem abarcados em sua integralidade e incluídos pelo sensível, visto que esses aspectos estão no campo da ética e da estética. Nesses territórios encontra-se a sensibilidade, que é “[...] patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com potencial de sensibilidade” (Ostrower, 1986, p. 12).

E o Ensino Médio, como tem tratado as questões referentes ao sensível? Como os currículos estão se alinhando às mudanças sociais? Ostrower (1987, p. 39-40) defendia em suas pautas que a educação precisa estar permeada pelo

[...] diálogo essencial entre a experiência e a indagação, e se com isto quase que propomos um atendimento individual, ainda assim podemos imaginar condições de se facultar a um grande número de pessoas – considerados indivíduos e não massa amorfa.

Portanto, a educação pelo sensível é aquela que nos impulsiona a questionar. É a pergunta que nos (des)loca da zona de conforto e inverte “a lógica do sistema explicador.

A explicação é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender” (Rancière, 2015, p. 23).

A indagação está no campo da estética e da ética, pois o movimento da pergunta se dá quando somos afetados por alguma coisa: pessoa, lugar, objeto. Afetamo-nos quando algo interfere em nossa maneira de ser/pensar, pelos encantamentos ou desencantamentos da vida ou ainda por aquilo que nos surpreende ou nos distancia daquilo que consideramos verdade (Meira; Pillotto, 2022).

Neste tecer a vida, estão a ética e a estética, haja vista que a racionalidade não está desconectada da sensibilidade, “[...] ao contrário, está articulada a outras tantas capacidades, que influenciam na realidade com potência para transformá-la” (Rios, 2010, p. 98). Desse modo, os processos sensíveis possibilitam a apreensão da realidade pela sensibilidade, potencializando aspectos como emoção, imaginação, percepção e criação.

Pois bem, o Ensino Médio seria então o lugar do (des)velamento, ou de (en)cantamento, em que os sentidos são mobilizados por acontecimentos, os quais implicam afetos. Para Meira e Pillotto (2022), as relações de afeto no Ensino Médio são necessárias, uma vez que as (inter)faces entre aprender a pensar e nutrir os sentires proporcionam forças de ação e práticas criativas, tanto do estudante como do(a) professor(a).

Nas relações afetivas são impulsionados sentimentos capazes de afetar as pessoas nas suas dimensões sensíveis. Nesse viés, promover Experiências Estéticas no Ensino Médio pode ser a mola propulsora para a constituição de sujeitos críticos/sensíveis. Isso porque, conforme palavras de Duarte Jr. (2002, p. 91),

na experiência estética o cotidiano é colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento, o princípio do prazer coloca diante de nós a sua criação, que nos envolve carinhosamente. O mundo real parou. Desfez-se. Do seu ventre estéril surge uma nova realidade com que nos embriagamos misticamente. Esta é a experiência estética: uma suspensão provisória da causalidade do mundo [...].

Para que isso aconteça é imprescindível que haja em nós uma mudança na forma que percebemos e nos relacionamos com o mundo. E foi assim que, catando minhas memórias sobre o Ensino Médio, cursado na década de 90, me descubro envolvido em uma expedição à Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, organizada pela então professora Linda. Professora que soube conectar afeto e saberes, o que não é nada fácil, pois, “quando se pinta, o difícil é conseguir livrá-lo do branco aparente na tela sem danificá-

lo, sem esquecer nada e sem acrescentar nada” (Deligny, 2018a, p. 23). A professora Linda, também artista, é assim, uma pessoa que deixa sua marca, sem, contudo, impô-la. Ficaram os rastros em mim, do professor que se inspira nela e tantos outros professores especiais que passaram pela minha vida e permanecem em minhas memórias e minhas atitudes.

Uma mestra *sui generis*, com suas madeixas tingidas de roxo, contrastando com a brancura das paredes da sala de aula, nos impulsionava a ir sem receio ao encontro com as artes e conseqüentemente de nós mesmos – uma (re)abertura ao sensível.

Hoje algumas situações que passaram (des)percebidas na minha vida de estudante do Ensino Médio pulsam de outro modo, e as memórias se tornam presentes e vívidas. Lá, chegando à Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, situada em Joinville (SC), entramos em contato com outro universo: produções artísticas de escultores, ceramistas, desenhistas, pintores, gravuristas, dançarinos, musicistas e atores do teatro. Além disso, encontramos paredes repletas de murais artísticos, laboratórios com instrumentos e materiais diversos, sala com dançarinos(as) em movimentos ao som de ritmos variados, musicistas com seus instrumentos e pessoas de todas as idades circulando nos corredores, nas salas e na cantina.

Esse cenário aguçou a curiosidade e trouxe certo (in)cômodo, tal qual parecia também acontecer com meus colegas; ao mesmo tempo em que me identificava com o que via, causava um sentimento de estranhamento. Perguntava-me: é preciso compreender e gostar de tudo que vemos e ouvimos? Quais relações podemos construir com tudo isso? Talvez o espanto e o estranhamento sejam pela dificuldade em

[...] compreender as manifestações dos códigos estéticos, indiferentemente do sistema pelo qual façam parte e independentemente de se tratem de imagens artísticas ou estéticas. Uns, para encobrir o desconhecimento, alegam não gostar ou não ter interesse por tais produtos; outros simulam que a compreensão é tácita e evitam discuti-los; um terceiro grupo apela para interpretações baseadas em critérios extra-estéticos, como os pautados estritamente pelas emoções e pelos sentimentos ou, até mesmo, pela valoração comercial (Oliveira, 2007, p. 38).

Em nossa ida à Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior não houve guetos, e tudo que víamos e ouvíamos gerava espanto, (in)quietação e movimento. Hoje posso nomear como uma Experiência Estética, porém naquela época não tinha essa noção. Cada um de nós significou diferentemente a experiência, seja em intensidade, seja em sentidos ou mesmo em estranhamentos, que é também um modo de construção relacional e estética.

Sobre significação, Zanella (1997, p. 67) afirma que os símbolos são sinais que significam algo para alguém e também que “[...] as coisas não significam por si só, e nem tão pouco significam a mesma coisa para indivíduos diferentes, depreende-se que a significação é fenômeno das interações, sendo, pois, social e historicamente produzida”.

Outra memória necessária de ser (re)memorada foi o (des)locamento da escola em que frequentava no Ensino Médio ao Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), em que pela primeira vez acessei documentos sobre o período da ditadura militar e quais manchetes eram reproduzidas pelos jornais da época. A pesquisa no AHJ foi uma provocação do professor Zacarias, que lecionava a disciplina de Direito.

Esse professor mobilizou-me a sair do lugar de acomodação para outro lugar – o da experiência –, determinante para me constituir pesquisador. Foi nesse lugar de publicações antigas e amareladas, das luvas brancas para manuseio dos periódicos, que fui acometido pelo encantamento da história registrada em texto e fotos. Descobri experienciando *in loco* nos arquivos originais que a história precisa de um distanciamento para conceber juízo do acontecimento presente. Isso acontece também com nossas memórias, que vão se diluindo ao mesmo tempo em que pelo imaginário ganham potência. E como bem nos colocam Masschelein e Simons (2014, p. 41), “o importante, ao caminhar, é pôr em movimento esse sujeito e essa posição. Caminhar é uma posição, um estar fora da posição”.

Considero importante destacar que a experiência no AHJ ocorreu no período em que estudei em escola pública; fiz o primeiro ano do Ensino Médio em escola particular e concluí os dois anos restantes em escola estadual na década de 90. Naquele momento havia a possibilidade de optar pelo científico ou técnico, e escolhi realizar o técnico em Administração, que em sua matriz curricular incluía disciplinas ou, como é dito hoje, componentes curriculares como: Estatística, Psicologia, Administração e Direito – foi na disciplina de Direito que realizamos a pesquisa no AHJ.

E aqui estou, décadas depois, caminhando para outros lugares, seguindo em (des)locamento, entre pensamentos e sentidos que, pela magia da escrita, (trans)mutam várias *nuances* monocromáticas de cinza para o amarelo/luz. Eis a Experiência Estética que se dá pela narrativa, codificada em letras e (de)codificada e (des)velada pelo poder do imaginário.

O Ensino Médio se constitui de *nuances* e monocromias; seu tempo é marcado pela ação do professor, especialmente. São muitos os professores que ficam eternizados em nossas memórias, cada qual com seu jeito singular, com suas proposições e seus

encantamentos. Afinal, como nos lembra Alves (2012, p. 5), “ensinar é um exercício de imortalidade, de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”.

**Figura 16** – Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos (2023)



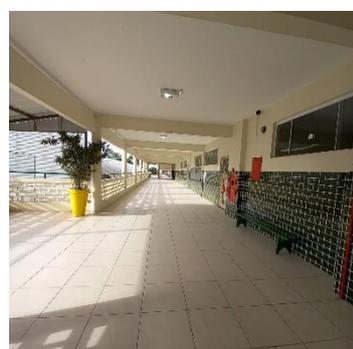
Fonte: Acervo do autor

**Figura 17** – Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos, pátio interno (2023)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 18** – Escola de Ensino Médio Governador Celso Ramos, corredores (2023)



Fonte: Acervo do autor

Outras memórias também invadem meu pensamento, e me vejo imerso em um ambiente monótono, monocromático e altamente compartimentado, seja pelos componentes curriculares ou pelos guetos que dividiam os grupos em feudos temáticos, muito próprio dos jovens. Meu imaginário se (des)loca de um lugar para outro, pois nem tudo são flores ou espinhos; há um misto de tristeza e alegria, passividade e movimento, afinal é próprio da juventude cultivar a (trans)gressão.

Em minhas experiências tanto no Ensino Fundamental (sobretudo nos Anos Iniciais) quanto no Ensino Médio encontrei professores coloridos e desejei vir-a-ser um deles. Foram professores que me constituíram progressivamente crítico e sensível ao mundo. E como questionador que sou, reflito se há muitos professores remanescentes dessa prática colorida, provocadora e nascedouro de sujeitos críticos/sensíveis.

Hoje, como professor no Ensino Médio de uma escola particular, percebo que o sistema educacional, por vezes, engessa pensamentos e possibilidades, e as conexões da escola com as Experiências Estéticas fora dela são ainda muito reduzidas. E sim, são vários fatores: ausência de projetos compartilhados entre as Secretarias de Educação com os espaços culturais e estes com as universidades; dificuldades com expedições culturais da escola por conta do traslado; articulação entre os componentes curriculares e esses espaços, entre tantos outros motivos.

E como bem ponderou Freire (2014, p. 73), ensinar e conhecer é “[...] um ato político e um ato estético [...]. O ato de conhecer, ao mesmo tempo que cria e recria objetos, forma os estudantes que estão conhecendo”.

## **2.2. Experiência Estética: memória como propulsora do imaginário**

A memória foi, sem dúvida, uma aliada das narrativas (auto)biográficas, trazendo minhas Experiências Estéticas na Educação Básica. Como afirma Halbwachs (2004, p. 75-76), a memória é “[...] uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Aqui também podemos fazer uma conexão entre memória e imaginário, uma vez que esse é um campo de que antecede ao plano de criação efetiva do real ao simbólico, “[...] ao qual só o sujeito tem acesso antes que seus conteúdos se tornem expressões objetivas da subjetividade” (Pino, 2006, p. 54).

Ao revisitar minhas memórias, o tempo aparece em outra extensão, possibilitando o (des)locamento do pensamento em conexão “[...] com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador” (Souza, 2007, p. 63-64). São fragmentos que puderam (inter)cruzar tempos/espacos da educação e da estética, num constante movimento atrelado ao imaginário.

Nessa mesma direção, Tuan (1983, p. 20) afirma que “um objeto ou um lugar atinge sua realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva”. Trata-se das relações constituídas consigo mesmo e com o outro, em situações de alegrias, tristezas, medos, vontades.

Nesse lugar do imaginário, vão se configurando sentidos e significados sobre as coisas, os fatos, os objetos e os territórios. Encontram-se as pessoas com quem nos relacionamos, as situações que experimentamos, as percepções construídas a partir do lugar em que estamos, as culturas e os processos de aprendizagem, tanto do ponto de vista cognitivo quanto sensível (Izquierdo, 2011).

É nessa região que acontece também a Experiência Estética, que (in)quieta e nos provoca a pensar as sensibilidades como um enigma a ser desvelado, mas nunca

completamente (Larrosa, 2015). É por isso que ao longo dos meus percursos na Educação Básica fui mobilizado pela curiosidade em (des)bravar lugares antes desconhecidos, apostando na potencialidade do olhar crítico/sensível.

A Educação Básica, em seus currículos oficiais ou não, continua dando maior ênfase à transmissão e mediação de conteúdos, muitas vezes engessados em práticas educativas que negligenciam as sensibilidades e os desejos dos envolvidos – estudantes e professores. Será que apenas conteúdos, técnicas e estratégias dão conta de uma proposta estética/ética/educativa em que a paixão de ensinar e de aprender poderia estar articulada com o que acontece na vida cotidiana? Como bem nos alerta Duarte Jr. (2010, p. 176), a “[...] educação oficial a que nos submetemos, sempre ansiosa em ensinar grandes verdades universais, o grande pensamento, a grande ciência, desconsidera todo e qualquer ‘pequeno saber’ detido pelos membros da cultura local”.

E ainda nas palavras de Larrosa (2015, p. 25), é preciso pensar o sujeito para além do “[...] sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer [...]”. É pensar o sujeito sensível, que está constantemente alimentando as percepções sobre si mesmo, o outro e o mundo. Esse lugar de experiências nos faz (re)pensar sobre a urgência de uma educação pelo sensível, que acontece também pela amorosidade (Meira; Pillotto, 2022).

Nessa direção, destacamos os estudos de Maffesoli (1998), autor que valoriza um saber sensível, permitindo um retorno à subjetividade humana, à sensibilidade e às suas múltiplas dimensões ética e estética. O autor entende que é necessário romper com uma ciência que se constrói fora do sentido de uma razão sensível, pois na dimensão humana somos constituídos de sentidos. Quanto mais ampliarmos nossas potencialidades sensíveis, mais e melhor podemos entender e experienciar o movimento dos fluxos do mundo e do viver.

As pulsações e os compassos do existir deixam rastros cultivados pelas percepções sobre a existência, as pessoas, os objetos e os lugares em que marcas da existência são o que nos move para a vida (Durand, 2001). Portanto, pensar o lugar das Experiências Estéticas e seus desdobramentos nas práticas educativas significa construir saberes e sentires, os quais atravessam sensibilidades por meio de ações criativas/inventivas.

De um modo ou outro, Paulo Freire (2017) atravessa pelas questões da Educação Básica e sua obra é compreendida como atemporal, tendo em vista que dialoga não somente com seu tempo histórico, mas atravessa outros tempos ao tratar das relações de opressão ainda presentes na educação e, por conseguinte, na sociedade.

Meus diálogos com a obra de Freire (2017) se deram com base na minha própria experiência como leitor, estudante, pesquisador e docente/aprendiz, em constante movimento – caminhante aprendiz, que experiencia, conscientizando-se das contradições que se impõem no caminho.

A Educação feita do pensar/refletir/sentir é de fato libertadora e está ancorada na ação pacificadora e amorosa, que tanto Freire (2017) defendeu, deixando seu legado para nós. Portanto, escrevo sobre este sujeito pacificado e reafirmo ainda que, consciente da Educação que pretende pacificar, permaneci crítico e sensível ao mundo; atribuo às Experiências Estéticas na Educação Básica este lugar também de resistência.

Educação que conscientiza o sujeito da sua situação e atuação no mundo, que o faz pensar de forma crítica/sensível, capaz de assumir a responsabilidade de sua liberdade. Freire (2017, p. 74) nos indica que lutar “[...] por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização”.

### 3. DE SUJEITO/CRÍTICO SENSÍVEL A PROFESSOR/CRIATIVO: CAMINHOS DA SENSIBILIDADE

*Estar aberto à experiência, à bússola interna e aos ventos fortes que promovem momentos de caos e o aproveitamento do que emerge, seja na vida, na sala de aula, no ato de criação artística, envolve o substituir o pânico e o medo pela ousadia e pela tolerância com o que ainda não está definido e por isto é ambíguo, é amorfo, é ainda um vir-a-ser. (Martins, 2006)*

Nesta narrativa (auto)biográfica sinto-me desafiado a selecionar memórias de uma vida atravessada profundamente pelos caminhos da escolarização, que na minha experiência individual foi muito além da alfabetização e apropriação de conhecimentos específicos.

Foi no ambiente escolar que vivenciei sentimentos profundos e antagônicos. Se, por um lado, fui bem-sucedido nas tarefas escolares, principalmente nos Anos Iniciais, foi também nesse período que enfrentei as consequências do divórcio dos meus pais. Acredito que é importante destacar isso, pois todos nós temos um dia a dia que acontece dentro e fora dos muros escolares, logo, somos afetados em muitas dimensões.

Desde então, compreendo o papel do professor como agente (trans)formador, atribuindo-lhe o papel do sujeito que (com)partilha o seu conhecimento, que tem um lugar de fala, mas precisa também ser aquele que escuta, que faz a crítica, que acolhe. Carl Jung (2011, p. 193) aconselha: “conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.

Recordo-me que, no ano do divórcio dos meus pais, em determinado momento, talvez em processo de negação, discursava que era melhor vê-los separados do que tê-los juntos em desarmonia; desculpa emprestada dos mais próximos, que de alguma forma tentavam minimizar o fato ou fazê-lo parecer menos pior. Não demorou, as primeiras rupturas daquele terreno árido e devastado pela tristeza apareceram e foi nas notas das provas que se sucederam tempos depois. Habitado a ter boas notas nas provas, aos poucos fui entrando em contato com o temido fracasso na vida escolar, o que em resumo eram os resultados nas provas.

E havia este professor de Ciências, de nome Saulo. Homem sério, inteligente, contava impressionantes estórias de quando serviu na Marinha, dos códigos marítimos que sabia na ponta da língua. Professor contador de estórias. Suas aulas ofereciam a experiência das narrativas, no melhor estilo de quem conta um conto aumenta um ponto,

tornando as aulas mais leves e divertidas. Algumas vezes de forma irônica nos fazia rir, “pegava no pé” dos mais desatentos e não deixava passar nada, suas provas eram difíceis e somente os estudantes mais dedicados passavam direto em sua disciplina, o que significava dizer que não ficavam em recuperação.

Certa vez o professor Saulo, entregando as provas, deixou a minha por último, já imaginava que a notícia não seria boa; lembro-me de ter pensado que sobrara pouco motivo para me alegrar, com a família desfeita, e em pé de guerra, ter notas baixas na escola completaria a minha tragédia pessoal. E como bem relata Deligny (2018b, p. 87), “há aqueles que de tanto ouvir sabem falar, e há aqueles que de tanto tentar sabem fazer”; esse é o professor Saulo.

Aquele homem sério, irônico e contador de histórias me chamou de canto, no linguajar popular, era uma conversa no particular. Tirou a prova do diário, parecia em câmera lenta, nem consegui olhar direito, porém era impossível não procurar no canto superior direito da folha a tão esperada nota, e sim, foi abaixo de 5, numa escala de 0 a 10, ou seja, automaticamente integrava os estudantes em recuperação e, quem sabe, os repentinos. Meu mundo desabou, agora por completo, meu corpo ficou gelado, fiquei menor do que já era, encolhi, ensaiei uma lágrima, tal qual o faço agora, trazendo essa memória ao tempo presente.

Naquele momento, admiti para mim mesmo que estava em sofrimento, que minha vida havia sido afetada; o que aconteceu fora dos muros da escola adentrou sem pedir licença, sala de aula adentro. Aprendi precocemente que fechar portas e portões necessariamente não deixa problemas para o lado de fora, porque afinal eles, na maior parte das vezes, estão dentro de nós, são nós a serem desatados.

Com a voz tranquila, sem tirar os olhos de mim, e nem sequer apontar para aquela prova maldita, esse professor e contador de histórias amassou aquele pedaço de papel, jogou na lixeira, e com a certeza de quem sabe das coisas afirmou que aquela nota não me representava, que naquele momento eu precisava de um tempo, já que, na visão dele, não se poderia definir um estudante por um pedaço de papel. Ele anulou a prova, todavia me validou como pessoa, aquele professor crítico mostrou sensibilidade e me ensinou uma Ciência feita de afetos; é uma das marcas que tento trazer na minha docência. Essa foi a melhor história que o professor Saulo me ensinou a contar.

E nos encontros com professores dos mais variados estilos e trejeitos, de cabelo roxo, provocadores ou contadores de histórias, fui me constituindo em estudante/admirador; via neles um exemplo a ser seguido, compreendia que a profissão

exigia rigor, mas cabia na mesma proporção amorosidade e, sempre que possível, o inesperado, aquilo que causa espanto. Aprendera que ser crítico não anulava a possibilidade de ser sensível. Um sujeito crítico/sensível.

### **3.1. O sujeito crítico/sensível caminha até o Ensino Superior**

Aos 19 anos, decidi então passar pelo crivo de um vestibular; em 1998 resolvi por cursar a Faculdade de Pedagogia. Existia uma concorrência enorme para o curso, foram três dias de prova, a proporção era de uma vaga para cada dez candidatos. Como forma de me preparar para o vestibular, fiz um curso intensivo pré-vestibular; foram 30 dias ininterruptos dos chamados “aulões”, e aqui novamente a figura de um professor fez toda a diferença.

Como havia narrado anteriormente, o primeiro ano do Ensino Médio cursei o que chamavam de científico, era uma escola particular, e não tendo recursos financeiros para pagar a mensalidade concluí o Ensino Médio em um colégio estadual, fazendo o técnico em Administração, motivo pelo qual, para prestar o vestibular, era necessário apropriar-me de conteúdo das disciplinas do científico.

Terminei o Ensino Médio com antecedência em relação à maioria dos meus colegas, sem reprovações; aos 17 anos já estava apto a ingressar na universidade, desde que fosse aprovado no vestibular.

Aos 18 anos me alistei no Exército e cumpri o serviço militar durante um ano e meio, no 62.º Batalhão de Infantaria, em Joinville, influência do avô paterno, que foi meu professor informal, daqueles anciãos em torno do qual todos se reúnem para escutar seus conselhos. Dos conselhos e desejos do meu vô, que se chamava Domingos, o que sempre foi pauta das nossas rodas de conversa eram os tempos em que ele havia servido no Exército. Contava histórias incríveis da caserna, das saudades que sentia daquele tempo, e que ficaria feliz se pelo menos um dos netos fosse militar, já que nenhum filho o fizera.

**Figura 19** – Vô Domingos, pescador silencioso



Fonte: Acervo do autor

**Figura 20** – Autor seguindo os aprendizados do vô Domingos



Fonte: Acervo do autor

**Figura 21** – Autor cumprindo serviço militar (1997)



Fonte: Acervo do autor

Meu vô era um homem respeitado na cidadezinha onde morava, Garuva, divisa de Santa Catarina com Paraná. Cidadão daqueles para quem a palavra valia mais que um contrato assinado. Dizia que nunca quis ter riquezas materiais e que sua maior fortuna foram os filhos e netos, que na percepção dele eram todos pessoas honestas e trabalhadoras. Pescador de mão cheia, nos levava para ensinar sua habilidade, foi também nosso professor.

O maior aprendizado ensinado por meu vô era fazer silêncio. “Façam silêncio, senão espantam os peixes”, dizia sussurrando dentro da canoa de madeira. No silêncio, observava a correnteza, as plantas que costeavam o rio, ao fundo o canto de alguns passarinhos. Ele fazia aquilo como algo de profunda importância, e quando jogava o anzol, logo o peixe era fígado, como que por encantamento. Sempre me perguntava como, naquela imensidão de rio, o vô acertava onde estavam os desafortunados peixes.

Hoje compreendo com mais clareza o silêncio de meu vô nas palavras de Araújo (2018, p. 19): “parece não haver palavra que entusiasme, ou prevaleça, se ela não alimenta o silêncio vivo, do silêncio interior, entendido como aquele que inquieta, que conduz a reflexão e, em última instância, à meditação”.

Atualmente, vivendo nesta sociedade barulhenta, percebo que o silêncio é um lugar de encontro; quando tudo se cala, o que se escuta é uma voz interna, que acredito ser a intuição, e às vezes, por um instante, posso escutar o vô Domingos a sussurrar conselhos. É como nos diz Araújo (2018, p. 32), “a busca do silêncio é sempre uma procura incessante situada num além longínquo, para lá das montanhas interiores e exteriores que os olhos, a razão e a percepção alcançam”.

E entre silêncios, vazios e esperança, depois de concluído o serviço militar, aos 19 anos fui prestar vestibular. Porém, sabendo que havia de me preparar melhor, procurei uma escola especializada nos tais “aulões”.

Eram cursos intensivos e caros, já trabalhava desde meus 14 anos, então fui confiante que faria a matrícula e pagaria tão logo recebesse meu salário. O curso iniciava-se na primeira semana do mês, entretanto meu pagamento ficava disponível somente no fim daquele mês. Como ensinou meu vô paterno, a palavra valia mais do que um contrato, e foi com essa certeza que pedi para a secretaria do curso realizar a matrícula e que no fim do mês eu quitaria a mensalidade. Tive como resposta uma negativa, sem acordo.

Cabisbaixo e inconformado que alguém duvidasse da minha palavra, tentei argumentar sem nada conseguir. Como vencido pela realidade, agradei e, quando estava para sair, no silêncio da decepção, escutei uma voz estrangeira e conhecida, era o professor Miguel.

Miguelito, como era carinhosamente chamado pelos estudantes, fora meu professor de Matemática no primeiro ano do Ensino Médio, não me recordo qual seu país de origem, falava com sotaque espanhol. Tinham se passado quatro anos desde a última vez que nos vimos em sala da aula.

Suas aulas eram muito divertidas, suas explicações pareciam anedotas, sempre muito espirituoso, nos fazia gostar da matemática. Bem-humorado, oferecia uma experiência quase teatral, comédia na explicação e drama nas provas, porém o final era, por assim dizer, feliz. Era um artista, “também o somos quando transformamos nosso ofício em um meio de expressão” (Martins, 2018, p. 22).

E lá estava eu, tristonho, indo em meu silêncio, quando fui interpelado pelo professor Miguelito, que fazia parte dos docentes daquela instituição, o que para mim era novidade, jamais imaginei (re)encontrá-lo depois de tantos anos e quiçá que lembrasse de mim. Lembrou. Com seu jeito professor/ator/comediante, cumprimentou como se tivera encontrado um amigo de longa data e logo percebera meu semblante de poucos sorrisos; preocupado, questionou o que acontecera.

Falei das minhas condições financeiras e que naquele momento teria de adiar os planos de prestar o vestibular, estava despreparado. Professor Miguelito, descobri, também era homem de palavra, rejeitava promissória assinada ou cheque de garantia. Direcionou-se para a atendente da secretaria e disse com aquele sotaque – sua marca registrada – que era para matricular o seu estudante e que avalizaria o pagamento. Assim entrei no curso pré-vestibular, com um avalista que sequer parente era, muito mais que

isso, um professor para quem vô Domingos tiraria o chapéu. Quebrei o silêncio para agradecer. Foi um agradecimento de muitas coisas. Naquele instante, agradei-lhe as aulas criativas e bem-humoradas, o rigor como nos ensinava, a sensibilidade, por mais uma lição aprendida. Lembrei-me do entendimento de Rancière sobre os poetas e o relacionei à experiência(re)memorada com o professor Miguelito, um professor com alma de poeta, “um ser que crê que seu pensamento é comunicável, [e] sua emoção, partilhável” (Rancière, 2015, p. 97).

Cumpri com esmero aqueles 30 dias imerso nos estudos; havia ali dois compromissos, um comigo mesmo em ser aprovado no vestibular e ingressar no Ensino Superior e outro com meu avalista, afinal, não haveria melhor liquidação de dívida senão ingressar na faculdade de Pedagogia, mostrando que valera a pena o voto de confiança. Eu quitei a dívida.

### **3.2 Caminhos de afeto: chegada ao Ensino Superior**

Foram três dias de provas e elevada concorrência pelas vagas, pois na década de 90 era impensável curso superior na modalidade a distância, o que resultava em vestibulares apinhados de gente afoita por uma oportunidade de ingressar no Ensino Superior. Entre suspiros e lamentos, a cada dia de prova nos amontoávamos em frente ao quadro de avisos no qual afixavam as respostas. Certa candidata, que se declarava evangélica, ao conferir o resultado dizia em tom profético que tudo transcorria conforme o planejado, que respondia às questões sobre as quais tinha certeza e nas demais optava pela alternativa d, “d de Deus”, dizia, reforçando sua fé no divino, uma vez que faltara o conhecimento; e deve ser isso mesmo, fé é ter esperança ainda que os fatos digam o oposto. Sobre tal candidata não saberia responder se conseguiu cumprir o propósito de acessar uma faculdade, ou se a sua fé, ainda que tivesse reprovado, permaneceria inabalada; parecia-me exagero acrescentar essa responsabilidade nos afazeres divinos. Pergunto-me por que razão essa cena ficou tão preservada na minha memória e hoje ocupa algumas linhas desta dissertação. Acredito que, trazendo ao presente, percebo o quanto a comunidade evangélica cresceu desde a década de 90, tornou-se influente e decisória nas questões sociais. (Re)memorar é a possibilidade de perceber movimentos que no cotidiano passam despercebidos, ganham forma e força aos poucos, são prenúncios de tsunamis, quando a maré parece estar baixa o suficiente para andar em segurança pela orla, e de repente somos atingidos pela forte onda e num instante estamos lutando para

não sermos sufocados. Essas ondas são formadas também de lutas ideológicas, e aqui cabe dizer, a onda evangélica é apenas uma delas, várias outras sucedem ao longo da História humana, daí a importância dos registros pelas narrativas, para que outros possam pela visão de quem vivenciou compreender em certa medida como tudo acontecera.

Encerrado o período de provas e sendo anunciado que estava entre os aprovados, começara nova caminhada, agora em direção a uma sala de aula do Ensino Superior. Fui tal qual quando criança nos primeiros dias dos Anos Iniciais, com empolgação, corajoso e ansioso por aventuras em mares desconhecidos, eu pirata novamente, em busca de tesouros escondidos dos olhares desatentos, riquezas que estavam nos livros e nos caminhos entre a sala de aula e a cantina, lugar de alimentar-se com salgadinhos e palavras; era um ritual sagrado, como devem ser os intervalos de aula.

No primeiro dia, ao entrar na sala de aula, fiquei assustado com a quantidade de alunos; eram quase 70, o espaço parecia um auditório. Porém o silêncio prevalecia, e seguindo os ensinamentos do meu vó, em silêncio acomodei-me no local mais apropriado para vislumbrar uma oportunidade de “pescar” alguma pessoa para conversar, e esse lugar era no fundo da sala.

**Figura 22** – Faculdade Guilherme Guimbalá – FGG (2023)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 23** – FGG – Cantina, ao fundo as antigas salas do curso de Pedagogia (2023)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 24** – FGG – Prédio dos cursos de Direito e Psicologia



Fonte: Acervo do autor

Desse lugar, ao passar dos dias foram se estabelecendo os afetos, e não demorou estava formada uma equipe para apresentação de trabalhos e amizades de uma vida toda. Nosso grupo contrariava todas as estatísticas. A faculdade de Pedagogia tinha forte presença de mulheres, mas nossa composição era de quatro alunos e uma aluna, e ficava por aqui o ponto fora de curva, ademais contemplávamos os critérios diagnósticos e cumpríamos com louvor todos os estereótipos da “galera do fundão”, falantes, despojados, estudantes dedicados à nossa maneira, entregávamos as apresentações de

trabalho mais icônicas, por exemplo, quando apresentamos um telejornal de dentro de uma imensa caixa de papelão. Havia uma alegria de estarmos juntos, nem todos tinham a intenção de continuar na carreira como educadores, muitos de nós estava na graduação por exigência da empresa em que trabalhava, contudo tínhamos um compromisso mútuo de realizar as tarefas acadêmicas e aprender os conteúdos propostos. Depois de certo tempo, agora figuras marcadas dos professores, haja vista a energia com que fazíamos nossas atribuições discentes, o que lecionava a disciplina de Psicologia nos batizou de Movimento Unidos do Fundão, o MUF. Foi tamanha a repercussão nos bastidores que resolvemos incorporar, como poderia dizer, o título. Unimos as poucas economias e muita criatividade para confeccionar camisetas da equipe, nela a estampa de um megafone com a sigla MUF; evidentemente esperamos para estrear na aula daquele professor. Pode parecer provocação, em parte se tratava disso, todavia a relação com esse docente era de respeito mútuo, um professor que encaminhava suas aulas de forma leve e sempre que podia nos brindava com suas ironias, gostava de estar com os alunos, um professor/psicólogo pronto para escutar, seu nome era Guilherme.

Professor Guilherme foi responsável por ministrar a disciplina de Psicologia, que tratava sobre o desenvolvimento humano, abordava desde a concepção até a vida adulta, trazendo correlações entre desenvolvimento e aprendizagem em cada fase.

Das atividades propostas por ele, destaca-se a elaboração de uma pasta, em formato de apostila, detalhando o desenvolvimento humano; cada aluno tinha a liberdade de organizar da maneira que acreditava ser mais interessante, ou seja, a criatividade era incentivada. O prazo de entrega, parece-me hoje narrando esta história, propositalmente de nove meses, o tempo de uma gestação. E assim perambulavam os estudantes pelos corredores, grávidos, por assim dizer, acompanhando a evolução da cria. Com as aulas que se seguiam, mais uma parte entrava em processo de formação, com frequência as conversas giravam em torno da gestação, dias de tensão para quem negligenciava o processo de criação e de alegria para pais mais cuidadosos que viam ali uma criança em pleno desenvolvimento.

Ao chegar o tempo de parir a criatura, a sala parecia maternidade; parte dos pais e mães aliviados, outros lamentando um suposto fracasso gestacional, as intercorrências do parto. Feliz mesmo estava o professor e agora Doutor Guilherme, o médico responsável por transformar sua aula em uma maternidade. A cena da mesa do professor abarrotado de “bebês-apostilas” era deliciosamente surreal, uma experiência construída de muitos afetos.

Fui por certo um pai orgulhoso da cria, apesar da autocrítica apontar que, sim, poderia ser melhor. Acredito que essa atividade orientada pelo professor Guilherme, ao fim dos nove meses, deu à luz, além do meu bebê-apostila, o desejo pela Psicologia e por conseguinte, muitos anos depois, pariu o psicólogo que me tornei. A sala de aula, um nascedouro de vidas.

A Faculdade de Pedagogia durou três anos e meio. Foram dias difíceis financeiramente, eu arcava com a mensalidade, pois era uma instituição particular. Aos 19 anos tinha um trabalho com renda baixa, mal dava para pagar o lanche no intervalo. Essa realidade era compartilhada com outros tantos alunos, o que trazia certo consolo, ríamos da desgraça como uma criança inocente abraçaria um urso selvagem, porém conscientes da dureza que era nosso cotidiano.

Tendo completado dois semestres, de forma repentina fui desligado do estágio remunerado, aparentemente o custo de um estagiário era alto demais, todos tivemos contratos interrompidos. Cabisbaixo, naquele dia ao chegar à sala me sentei no fundão como de praxe, e logo os integrantes do MUF notaram minha aparente tristeza, afinal como poderia continuar sem dinheiro para a mensalidade?

A resposta veio tão rápido quanto a tristeza de estar sem emprego. Ao saber do que ocorrera, um dos amigos do fundão de pronto estendeu a mão, dono de uma pequena empresa com apenas quatro funcionários, disse que eu poderia trabalhar com ele, o ganho era pouco, mas economizaria no transporte, pois viríamos juntos para a faculdade, e talvez fosse uma solução temporária. Só um momento, preciso deixar umas tantas lágrimas rolarem. Pergunto-me se sentir gratidão é assim, uma alegria encharcada de lágrimas; eu sinto assim. Claudiner, um amigo que agora tem seu nome gravado nesta escrita, a quem sou grato. A sala de aula, um nascedouro de amizades.

De desempregado a novo contratado, segui cursando Pedagogia. Alguns meses depois, nas conversas de cantina, uma das colegas de turma disse que meu perfil era o que a agência bancária em que ela trabalhava estava necessitando contratar. Cético, agradei o interesse, porém não enxergava a possibilidade de ser um bancário, parecia algo tão distante do sonho de ser professor. Insistente, abordou tantas vezes o assunto até me convencer de encaminhar o currículo. Para meu espanto, chamaram-me para uma entrevista; eu fui, até por incentivo do meu patrão e amigo, Claudiner.

No dia da entrevista estava preocupado com o que vestir para a ocasião, banco era lugar luxuoso, funcionários andavam alinhados em seus ternos, homens de barba feita e gravata, salto e vestido para as mulheres, fim da década de 1990. Católico por exigência

da mãe, foi na comunhão a última vez em que vesti uma roupa social, com 14 anos. Pois bem, a altura e o peso eram os mesmos aos 19 anos, o sapato e a camisa social ainda serviam na estica, problema estava no sapato, um deles a sola descolava, apontando que o fim da sua função estava próximo. Sem outra opção a não ser arriscar ir com esse único sapato, calcei com a mesma fé que professei aos 14 na igreja, crente de que tudo ia dar muito certo.

Tal qual história bíblica de superação, logo iniciaram-se as provações; a sola descolava de maneira aligeirada, competindo com os compassos (des)ritmados do coração, indicativa que tudo estava na corda bamba, a um fio de cair penhasco abaixo, nada estava sob controle, a entrevista, o nervosismo, a ansiedade e muito menos a sola do sapato. Ainda assim, cheguei ao local, sentindo uma brisa por debaixo dos pés; a essa altura a outra sola também dava sinais de que iria me abandonar. Pode rir, estamos rindo juntos. Subi dois lances de escada com a delicadeza de uma bailarina, um passo por vez, inspira, um passo, expira, outro passo. Quem sabe controlar a respiração foi o que trouxe tranquilidade na entrevista. Até hoje ainda me pergunto se fui contratado porque o gerente viu potencial naquela figura franzina, ou por piedade decidiu dar oportunidade, fato é que minha carreira de bancário durou 15 anos. Pedagogo e bancário. A sala de aula, um nascedouro de possibilidades.

Passados 11 anos da formatura em Pedagogia, (re)ingressei na academia, agora no curso superior de Psicologia, na mesma instituição que fizera Pedagogia. Após uma década, a efervescência dos dias de prova deu lugar à entrega de uma redação, única prova a que foram submetidos os candidatos. Sendo aluno com diploma de Ensino Superior, nem esta entrega precisei cumprir, bastou me inscrever como candidato e aguardar o retorno se haveria vaga para aquele ano, 2012. Houve.

No primeiro dia, ao entrar na sala de aula, fiquei assustado com a quantidade de alunos; eram quase 70, o espaço parecia um auditório, porém o silêncio prevalecia. Seguindo os ensinamentos do meu vô, em silêncio, acomodei-me no local mais apropriado para vislumbrar uma oportunidade de “pescar” alguma pessoa para conversar, e esse lugar era no fundo da sala. Sim, isso em nada mudara, o primeiro dia foi similar ao do curso de Pedagogia, diferença mesmo a idade do calouro: 34.

Sentada e plena, tal qual uma rainha que ao longe acompanha seus súditos, estava a professora que nos iniciaria nos conteúdos de Psicologia. Seu nome? Marilene. Em momento nenhum alterou seu tom de voz para acalmar os corações acalorados dos iniciantes, comandava a sala pelo olhar, profundo e instigante, nos comunicava seu vasto

conhecimento sem precisar listar as conquistas da longa carreira docente. Intimamente desejei ser esse tipo de professor, mas logo percebi que sou dos que, quando falam, imediatamente estampam um sorriso no rosto. Haveria de achar outro jeito.

Desse dia em diante, chegávamos à sala, como bons súditos cumprimentávamos a realeza do conhecimento e nos sentávamos ávidos por escutar narrativas sobre psicologia, autores renomados da área e, claro, ouvir sobre Freud, afinal, a professora era uma psicanalista. Hipnotizados durante o tempo em que a tivemos em nossa caminhada acadêmica, a então eleita majestade foi (re)nomeada, a batizamos de Mari-diva. Em conversas animadas de corredores, era um tal de Mari-diva para lá, Mari-diva para cá. Certa vez, distraídos com a falaria, nem percebemos a aproximação dela. Segredo desvelado. A professora esboçou um sorriso de canto de boca. Era o sinal de aprovação. Freud explica.

Na graduação de Psicologia, por certo, houve professores que influenciaram minha postura perante a vida e, sobretudo, a minha atuação docente. Foi nesse período que fiz a transição de carreira, após quase 15 anos trabalhando como bancário. Sinto-me impelido a escrever sobre outros dois professores.

A empolgação de ingressar na graduação da minha escolha para migrar de carreira logo deu lugar às frustrações, que sem demora chegaram na primeira semana. Ao assinar a matrícula e toda a papelada que envolve as burocracias de costume, não fiquei atento às questões de carga horária. Na primeira fala da coordenação aos calouros fomos devidamente informados que, conforme o contrato, haveria aulas no sábado. A tal das letras pequenas no contrato.

Fato exposto, o que cabia fazer era frequentar as aulas, cumprir a carga horária, riscar da agenda os sábados de passeios e substituir pelos estudos de sábado. Agora muito mais atento às letras miúdas, verifiquei que a disciplina era Biologia, o que me remeteu imediatamente ao Ensino Médio, o quanto essas aulas eram maçantes, ao menos para mim. A professora era esforçada, é bem verdade, porém seguia à risca os parágrafos de um livro grosso, de cor verde, letrinhas miúdas, que ao fim de cada capítulo tinha uma infinidade de exercícios para realizar. Um trauma. Na época foi a disciplina que me dedicava o mínimo necessário “para passar”.

Com esse histórico em mente, cheguei no sábado para a famigerada aula de Biologia. Como de praxe, sentei-me no fundão, com postura diferente, braços cruzados, sem dizer uma palavra, mas o corpo gritando o desalento provocado pela união de duas tragédias: o sábado perdido e a aula de Biologia.

Pontualmente a professora entrou pela sala cumprimentando os desafortunados alunos, órfãos de seus sábados, figura pequenina, ao seu lado eu parecia ser um jogador de basquete, *sui generis*, passos apressados, óculos proeminentes, nas mãos uma sacola e um objeto que logo descobriria ser uma antiga antena telescópica de carros. Achei retrô, logo, julguei. Atrás da tela de projeção ainda permanecia o velho quadro verde, a professora recolheu a tela, retirou da bolsa uma caixa de giz colorido e começou, com toda desenvoltura, a desenhar esquemas de células e todo universo de organelas conhecidas da maioria. De repente meu cérebro explodiu em cores; aquelas criaturas inanimadas ali desenhadas ganharam movimento na minha imaginação, fui capturado sem oferecer qualquer resistência, num rabiscar de giz estava (re)vivendo as salas coloridas dos Anos Iniciais. Que coisa boa aquele sentimento! Braços descruzados, sorriso no rosto, olhos voltados para aquela obra-prima. As nuvens tempestuosas de um sábado defenestrado dissiparam-se para dar lugar a um espaço iluminado e encantado, talvez por isso, por brincadeira do destino, o nome dessa professora era Dalva, que significa “amanhecer”. E o Sol apareceu em forma de gente, infinitamente menor, igualmente iluminando o espaço. Era a Estrela Dalva.

E assim foram todos os sábados na disciplina de Biologia, de giz encantado, de antena de rádio captando as ondas sonoras da cacofonia de vozes estudantis, uma aula que oferecia uma Experiência Estética, multiplicando conhecimento como fazem as células. Era uma professora de causar espantos, como diria Alves (2011).

O último ano da graduação chegara, algo tão distante daquele primeiro dia de aula se fazia presente com todas as angústias inerentes ao fim de uma jornada acadêmica. Para mim, causavam-se preocupações os estágios na clínica e escrever o trabalho de conclusão de curso (TCC). Para o TCC, a figura do orientador era *sine qua non*, portanto, o ideal era que o professor estivesse alinhado com seus interesses e vice-versa.

Nesta caminhada de cinco anos, muitos foram os perfis de docentes que nos acompanharam, cada qual, ao seu jeito, contribuiu na formação dos alunos. Dentre eles, agradava-me certo professor, jovem doutorando à época, suas aulas tinham experiências com dispositivos lúdicos, seja construindo-os para mediar o desenvolvimento de temas pertinentes à Saúde Coletiva, uma de suas disciplinas, seja para criar experiências imersivas a fim de promover reflexões com o coletivo de alunos.

Era uma figura incompreendida por alguns discentes; questionavam a validade daquela maneira de conduzir a aula, para mim uma aula que necessitava ser sentida, experienciada e não explicada. Com o decorrer das aulas, os corações mais cartesianos se

abriram para a experiência, eu pulsava feito coração, tamanha a satisfação de saber que um professor acreditava tanto quanto eu na aula-experiência.

Sem surpresas, aproximamo-nos, iniciamos diversos projetos em parceria, exposições de arte para falar da luta antimanicomial, criação de dispositivos lúdicos, tais como tabuleiros para atendimento na clínica infantil, e por aí vai. Professores podem ser magos que nos levam a (re)visitar lugares fantásticos. Percebi que na vida adulta estive à procura daquele jardim de trás da minha casa, onde escondia tesouros e vivia aventuras. O jardim da infância permanecia florescendo, oculto pelos embaraços da maioridade. Eu voltei ao meu jardim nas aulas do professor-mago Allan. O Ensino Superior foi este lugar de afetos.

Afetado então, atravessado pelos encantamentos da graduação em Psicologia e aconselhado pelo professor-mago, fiz minha inscrição para participar em disciplina isolada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) intitulada Relações Estéticas e Processos de Criação. Era uma disciplina optativa, sob a regência da professora pós-doutora Andréa Vieira Zanella, que pelos acordes da arte nos embalou na dança dos processos de criação; quando percebemos estávamos fazendo uma intervenção/*performance* em área urbana na capital Florianópolis.

O objetivo da disciplina era problematizar as relações entre cidade, arte e memória. Construimos coletivamente uma ideia de intervenção, que ao final se tornou o lançamento fictício de um “grandioso” empreendimento imobiliário na capital, o “Alligator’s Home Club”.

O lançamento da obra foi em uma ponte, onde seria o local da construção, estava localizada em frente a um shopping, que por sua vez fora construído em local de preservação ambiental, resultado de interferência política e econômica.

Havia aluna vestida de jacaré, maquete exposta, panfletagem com *flyers* e até um “corretor de imóveis” com uma maleta de madeira na cor amarela e com desenho de uma lâmpada ao centro. Provocamos. Causamos ruídos. Fizemos arte, igual criança arteira. Grafitamos muro. Interferimos na paisagem e em quem estava de passagem. Uma viagem, diria algum adolescente. Estávamos surpresos com os resultados. Vivíamos ali uma Experiência Estética, inseridos nela como autores e expectadores. Como nos revela Zanella (2021), “a educação estética é, necessariamente, criativa, inventiva”. Sou dessas pessoas que inventam. Incomodam.

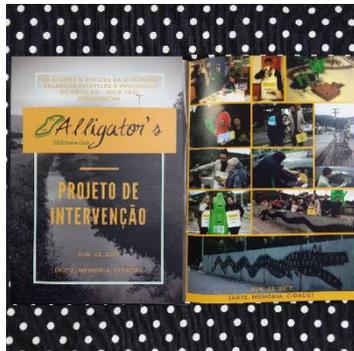
E sob a batuta da professora, maestrina que só ela, subimos o tom, para problematizar a cidade, a arte e a memória. Fim do ato.

**Figura 25** – Flyer produzido por este autor e utilizado na performance em Florianópolis (2017)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 26** – Livreto produzido por este autor. Registros da performance em Florianópolis (2017)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 27** – Alunos participantes da intervenção em Florianópolis, no livreto de registros (2017)



Fonte: Acervo do autor

Inspirado pela experiência vivida, decidi ingressar no Mestrado em Educação da Univille. Passadas todas as provas escritas, chegara o momento da entrevista. Ciente da pergunta sobre o que me levou a escolher o Mestrado em Educação, preparei um tanto de respostas, ensaiei como se fora estrear peça teatral.

Na saída de casa peguei a minha maleta, aquela mesma do “corretor de imóveis”, de madeira, na cor amarela, com o desenho da lâmpada, nela todos os meus sonhos em forma de projetos; dos que se tornaram realidade, bastante bagagem, ideias e desejo.

Cheguei ao local da entrevista, sentei-me, coloquei a maleta amarela sobre a mesa, as professoras/entrevistadoras, curiosas, logo perguntaram o que havia ali dentro. Ideias. Sonhos. Desejo. Entrevista concluída. Veredicto anunciado: “Bem-vindo ao Mestrado em Educação. Sua professora orientadora é a Silvia Pillotto, você é dela!”. Mais tarde descobri o porquê da afirmativa; de fato, professora Silvia é apanhadora de sonhadores, captura-nos pela sensibilidade.

### 3.3 Caminhos da docência: desvios e retornos

O desejo de atuar como professor, sonho da minha adolescência, sempre esteve presente, como uma paixão avassaladora que, por trapaça do destino, fora escanteada. O destino, diga-se, esculpido pelas escolhas que fiz, dado que antes da formatura em Pedagogia recebi alguns convites para iniciar a docência, todavia estava acomodado na

profissão de bancário, tinha pouca idade e usufruía as benesses capitalistas. Escolhi manter a rota que parecia oferecer melhores dividendos; àquela altura já estava cansado de viver no perrengue e na pindaíba. Mantive a rota e desviei do caminho da docência. Um paradoxo. Outra coisa me ocorria, e mesmo com a pouca idade, de alguma maneira também refleti que, além de arriscar a perda do conforto financeiro, que professor com tão poucas histórias para contar aos seus alunos seria eu?

Deduzi que para ser um professor com P maiúsculo, fora as técnicas aprendidas em uma graduação, haveria de ter bagagem de vida. Quem sabe por ter sido capturado por narrativas a vida toda, quis ser um contador de estórias antes de ser professor. Acredito que “o homem é essencialmente um contador de histórias que extrai sentido do mundo pelas histórias que conta” (Clandinin; Conelly, 2015, p. 11).

Prossigui como bancário, viajei por muitos lugares no Brasil e países vizinhos, descobri culturas e jeitos diferentes de viver, aprendi diversidade pela imersão nas experiências e, como caminhante, precisei levar bagagem para realizar o (des)locamento e na volta trazia outras tantas. Desfilei na Sapucaí, vibrei com a bateria da Portela, mandei beijos e acenei para as arquibancadas como artista famoso, que de tão desconhecido, por escárnio ou simpatia, o público retribuía com aplausos e beijos soltos no ar. Embarquei em chalana no Pantanal e pesquei peixe graúdo que nem vô Domingos um dia sonhara pescar; ao cair da noite, em barcos menores, voltávamos para a chalana. Tudo era silêncio e estrelas. Vô, seu neto agora é pescador de carteirinha.

Caminhei pela ilha da magia, Florianópolis, fora minha primeira viagem de carro próprio. Golzinho branco, quadrado, um robusto VW que, apesar do muito uso, cheirava a novo. Foram muitas viagens com o possante. Caminhei por diversas vezes pela cidade feita de concreto, asfalto e um punhado de multidão, a terra da garoa, a imensa São Paulo, com toda sua noite alucinante, teatral e profana. Aterrizei no meio da floresta amazônica, em Manaus, assustei-me por não ver a margem oposta do rio, tamanha sua largura, um rio-mar e uma floresta-mar. Viajei para conhecer o tango, na Buenos Aires invadida por turistas brasileiros. E permanecia caminhante, nutrindo-me de experiências.

Viajei sozinho e acompanhado por amigos e familiares, trazia lembrancinhas bregas de viagem, contava histórias para quem as quisesse ouvir. E tudo parecia indo conforme os planos, e por parecer tão inesperadamente adequado e formatado, senti uma sensação inesperada de vazio.

Apesar da imensidão das terras desbravadas nas viagens, era no quintal daquela casa da infância que ainda permanecia escondido o tesouro, à espera de um aventureiro

curioso que o encontrasse e revelasse ao mundo. Não poderia ser um aventureiro qualquer, ele pertencia a um menino falante, de imaginação fértil, com “problemas na cabeça”. Definitivamente era tempo de voltar, içar velas, observar os ventos, verificar para que lugar o ponteiro da bússola apontava e seguir em direção ao campo da Educação. Era tempo de retornar ao caminho da docência.

Tive longa conversa com o gerente da agência bancária em que trabalhava, de alguma forma explanei sobre meus sonhos, o quanto me incomodava a sensação de esvaziamento e que as minhas conversas internas indicavam que era preciso e (im)preciso retomar os caminhos da Educação, tornar-me professor, e para tal iria reingressar na academia, fazendo Psicologia, e que em breve sairia do banco. Como resposta, escutei um choro; sem saber, minha história se conectou com a do gerente, alguém tão desejanter quanto eu, que também fizera escolhas e que via na minha atitude um ato de coragem, ousadia. E ele fez tudo o que pôde para que eu fizesse a transição de carreira da melhor forma possível. Edmilson, meu professor/bancário com jeito e atitude de quem teve uma educação libertadora, quem diria.

À procura de uma oportunidade para ingressar na Educação, candidatei-me em várias instituições, recebi diversas negativas. Apesar da formação em Pedagogia, meu perfil era de novato, ao menos nos ambientes escolares. Depois de inúmeras portas fechadas, fui chamado para entrevista no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), a vaga era para estagiar como professor no Programa Jovem Aprendiz, um projeto do governo federal (Brasil, Decreto-lei n.º 11.479, de 6 de abril de 2023) que tem por objetivo capacitar jovens para o mundo do trabalho, visto que as empresas precisam cumprir com as cotas obrigatórias de aprendizes em seus quadros. Os jovens cumprem parte da carga horária em instituições de ensino que promovem o processo de ensino-aprendizagem com conteúdos relacionados ao cargo exercido nas empresas.

A entrevista parecia ir bem, os requisitos para o estágio de professor foram atendidos, até iam além do que se pretendia para aquela vaga. O olhar desconfiado do entrevistador deixava certo desconforto na sala; logo veio o questionamento sobre se a minha decisão de ir para Educação foi bem pensada e que, na visão dele, eu poderia desistir ao deparar com o baixo salário e os desafios que me aguardavam em uma sala de aula apinhada de adolescentes. Tinha razão, conforme pesquisa, é uma das profissões que exigem Ensino Superior com as menores remunerações do país, principalmente para professores dos Anos Iniciais. Lecionar para adolescentes é tão desafiador quanto ser o

próprio adolescente, que vive momentos de transição para vida adulta, de descobertas sobre si e o mundo.

Decidi aceitar a oportunidade, sempre fui um esperançoso, muito mais do que um otimista. Rubem Alves (2012) escreveu que o otimista depende que o lado de fora esteja tudo favorável, por isso, melhor seria o esperançoso, que olha para dentro de si e encontra motivo para continuar. E sigo esperançando, poucos são os dias em que o ofício de professor proporciona um horizonte otimista.

Resolvidos os trâmites burocráticos, chegara o momento de iniciar na docência. O CIEE fica sediado em um casarão antigo, construído na década de 50, dois pavimentos, no interior algumas modificações para acomodar salas de aula e o setor administrativo. O acesso ao segundo pavimento era por uma escada de madeira, originária da construção, as paredes eram mais grossas em comparação aos modelos construtivos atuais, janelas brancas com persianas em madeira. Reflito sobre como aquela casa/escola nos inspirava, era definitivamente o “sentir-se em casa”. Experiência Estética.

O entrevistador, agora meu coordenador, fez as boas-vindas e perguntara se eu gostaria que ele acompanhasse a aula no primeiro dia, considerando que houvesse alguma insegurança. Agradei. Escolhi seguir sozinho na estreia. Ansiedade e nervosismo ao pisar no palco pela primeira vez. Plateia jovem, cheia de energia e sonhos. Respirei fundo. Aos 30 e poucos anos, tinha muito a compartilhar, um professor/ator contador de estórias. Uma aula encontro. Meus sonhos encontrando os sonhos dos alunos. Sonho tornando-se realidade.

A recordação é vaga sobre esse dia, certeza mesmo é que a primeira história que contei aos alunos foi da minha caminhada até chegar a uma sala de aula. A minha pulsão criativa combinada com a energia e criatividade dos alunos resultou em projetos que extrapolavam as fronteiras da sala de aula, suas paredes grossas eram insuficientes para conter nossa animação, imaginação, ação.

A imaginação impregnava as paredes com cartazes coloridos, desenhos e colagens. As ideias coladas nas paredes eram absorvidas, provocando infiltrações na estrutura dura dos conteúdos programáticos, e sem demora nossos projetos eram vistos por toda a casa/escola. Engenhocas de Leonardo da Vinci feitas de papelão espalhavam-se pelos corredores, para discutir criatividade. A cozinha virou ateliê para a arte do grafite, refletimos sobre expectativas grafitando. O pátio/quintal foi cenário para imaginar vilas da Idade Média, brasões de família foram criados para representar cultura e

conhecimento. Tudo era sonho, (re)imaginado, realidade e fantasia, aprendíamos e sonhávamos juntos.

**Figura 28** – Teatro dos jovens aprendizes no pátio/quintal



Fonte: Acervo do autor

**Figura 29** – Teatro dos jovens aprendizes no pátio/quintal



Fonte: Acervo do autor

**Figura 30** – Jovens aprendizes e seus brasões



Fonte: Acervo do autor

Às quartas, antes da minha chegada, os alunos tinham uma atividade livre, que se tornou o “dia de ver filme”. Sugeri novas possibilidades e, com a autorização da coordenação, iniciei saídas para fora da instituição, visitando museus e galerias de artes próximas. De repente era eu, o professor do cabelo roxo, que levava seus alunos para experienciar outros espaços de espanto. Lembram?

Quando possível, caminhávamos até o jardim do Museu de Arte de Joinville (MAJ) e até o Parque das Águas, ao lado, para fazer um piquenique, o objetivo era conversar, experienciar a arte e a natureza que circundava o MAJ, compartilhar o lanche e as histórias, criar memórias. Aprendi que o professor também pode lecionar embaixo de uma árvore, ou de uma tenda, a aula/piquenique.

**Figura 31** – Jovens aprendizes no Parque das Águas



Fonte: Acervo do autor

**Figura 32** – Jovens aprendizes em tenda no Parque das Águas



Fonte: Acervo do autor

**Figura 33** – Jovens aprendizes fazendo piquenique no Parque das Águas



Fonte: Acervo do autor

Caminhante que era e sou, tão logo estava habituado com os jovens aprendizes e estabelecendo uma relação de confiança com eles e com os gestores, pedi para a

coordenação liberar visitas a outros espaços para além do MAJ. Autorização dada, iniciei um ciclo de caminhadas para novas experiências. Visita interativa na Estação da Memória, a antiga estação ferroviária de Joinville, visita monitorada ao Centreventos Cau Hansen, no Festival de Dança de Joinville; nessas caminhadas houve até um encontro inusitado com o artista Juarez Machado na sua exposição em comemoração aos seus 70 anos.

**Figura 34** – Encontro com Juarez Machado



Fonte: Acervo do autor

**Figura 35** – No palco do Festival de Dança Centreventos Cau Hansen



Fonte: Acervo do autor

**Figura 36** – Momento do lanche na Estação da Memória



Fonte: Acervo do autor

Dos tempos de professor novato, recorde-me de ser convidado a lecionar em projeto social realizado pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), em parceria com o CIEE, chamava-se Programa de Iniciação ao Trabalho (PIT). O público-alvo eram crianças moradoras nas comunidades próximas ao aeroporto de Joinville, matriculadas em escolas municipais do Ensino Fundamental dos oitavos e nonos anos.

As crianças foram selecionadas pelos responsáveis dos postos de saúde municipais da localidade, com prioridade para crianças em que a família enfrentava dificuldades financeiras ou conflitos familiares que as expunham a alguma situação de risco. O projeto previa 30 dias de aula, sendo os 15 primeiros dias voltados a questões de iniciação ao trabalho e os demais uma breve introdução à informática. Fui convidado a lecionar a primeira parte. Aceitei.

Recebi com certa antecedência o material de referência para aulas de iniciação ao trabalho. De modo geral abordava as temáticas como entrevista de emprego, comunicação, ética profissional, entre outras. O conteúdo era no formato de uma cartilha, propunha aplicação de questionário e atividades que, na maior parte, eram de memorização, ou seja, aula expositiva e depois um exercício de averiguação se o aluno

gravou o conteúdo. Parecia o modelo de educação bancária descrita por Freire, e nessa “distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (Freire, 2017, p. 81).

Contrariado com a metodologia proposta, e já conhecido como o professor dos projetos criativos, sugeri para a direção do CIEE uma nova possibilidade de desenvolver os temas previstos na cartilha: por meio de experiências, o que atualmente defino e tenho defendido nesta dissertação, as Experiências Estéticas. Com anuência dos responsáveis da Infraero Joinville, o pedido foi deferido, concedido com certa dúvida que pairava no ar, afinal, em dez anos de projeto, pela primeira vez se decidira fazer algo diferente do que havia na cartilha. Compreendi a insegurança com a mudança, porquanto os gestores tinham o compromisso de entregar o proposto pelo projeto, envolvia verba de uma empresa pública federal, os servidores públicos municipais que indicavam as crianças tinham no projeto uma via de apresentar a elas novos horizontes e, claro, as expectativas dessas crianças e familiares de uma oportunidade de desenvolver-se e, quiçá, uma vaga para jovem aprendiz, o que, em resumo, era uma inserção no mundo do trabalho.

Estava ansioso para iniciar, sentia nos ombros o peso da responsabilidade, todavia não queria ser daqueles pedagogos amargurados, “sisudos e cruéis querem nos empurrar desde já para a escravidão da vida” (Benjamin, 2009, p. 22). Haveria de existir um caminho mais sensível.

Confiante da minha proposta de trabalho com essas crianças, levei na minha bagagem aprendizados vivenciados com meus professores desde a primeira série. Memórias coloridas, vibrantes, de paredes apinhadas de cartolinas coloridas, de professores contadores de histórias, professores desenhistas de mitocôndrias, de professores sensíveis e críticos.

Primeiro dia. Na chegada ao local onde aconteceriam as aulas, um frio na barriga, daqueles que se sentem em momentos importantes da vida, do sim no altar, da defesa de seu trabalho de conclusão de curso, da entrevista de emprego, do resultado do vestibular, de qualquer momento tão desejado que, na iminência da realização, o coração aquece e a barriga esfria.

Lugar bucólico, acesso por estrada de chão, porteira de madeira, área de pastagem e, seguindo a estradinha, logo se via um galpão, antigo Centro de Tradições Gaúchas (CTG), (trans)formado em sala de aula. Nosso galpão/escola situava-se nas imediações em extensão de terras compradas pela Infraero para ampliação do aeroporto; de tempos

em tempos se escutava o barulho de pousos e decolagens, era nosso pátio/pista de aeroporto.

Dentro do galpão/escola, uma infraestrutura moderna fora montada, com mesas e cadeiras confortáveis, um computador por criança, internet conectada e, curiosamente, um telefone fixo instalado para contatar a área administrativa do aeroporto em caso de necessidade. Engenheiros da Infraero eram responsáveis pela montagem da infraestrutura, estavam sempre dispostos a auxiliar em alguma dificuldade técnica, isso denotava que havia dedicação e respeito ao projeto.

Pela primeira vez as aulas seriam naquele espaço, anteriormente eram em salas do setor administrativo, na estrutura do próprio terminal aeroportuário, motivo pelo qual havia uma atenção redobrada para que as aulas seguissem da melhor maneira possível.

O silêncio daquele galpão/escola, cercado de pastagens, logo foi invadido pelos sons tímidos das crianças desembarcando da van que as transportava. Olhos atentos, passos ligeiros, sorrisos amarelos, burburinho. Adentravam naquele galpão/escola curiosas do que estava por vir, e logo muitas perguntas se fizeram presentes. Acolhi com um “bom dia” cada um que chegava. “Bom dia! Bem-vindos!”

Havia planejado que, antes de iniciar as atividades, todos os dias eu faria uma roda de conversa, perguntar como fora na escola, se tinham alguma novidade ou situação que gostariam de compartilhar, falar sobre suas expectativas, como estavam se sentindo. Alongávamos. Começávamos pelos braços, depois pernas, troncos e, por fim, a língua, que se movimentava freneticamente para verbalizar, tantas eram as histórias a contar. Estavam em permanente integração, não há como haver um sem o outro (Freire, 2017). Crianças sonhadoras. Tagarelas.

E começamos nossa jornada de 15 dias, de segunda a sexta, três semanas. As crianças realizavam atividades relacionadas aos temas propostos da cartilha, com papel pardo, lápis de cor, canetinhas, tesoura, cola e toda sorte de materiais de papelaria fornecidos pelo projeto. O galpão/escola se (trans)formou em galeria/escola. Fizeram exposição de autorretrato para expressar como elas se viam, com papel pardo emularam paredes de caverna com pinturas rupestres, para deixar o registro de como era o cotidiano da vida em suas comunidades. Assim, a galeria/escola foi chamando a atenção dos funcionários do aeroporto, que começaram a visitar diariamente depois das aulas a galeria/escola para saber o que acontecera no dia, qual a nova exposição; sem nos darmos conta, tínhamos um público cativo.

No momento de tratar de entrevista de emprego, sugeri uma simulação. Depois de muito conversar sobre algumas dicas para realizar uma boa entrevista de emprego, marcamos uma data, e no tal dia o combinado era vir vestido adequadamente, o que em resumo, significava, estar bem asseado, a roupa limpa, sem importar qual marca ou estilo, o que usavam cotidianamente, considerando a realidade de cada um. Era nosso teatro, o faz de conta, um ensaio para a vida real.

Chegara o dia da entrevista. Notei, já ao descerem da van, que de fato, conforme proposto, estavam bem arrumados, garbosos e alinhados, cada qual conforme suas condições. Cabelos bem penteados e mentes ansiosas. Na entrevista ficavam nervosos, pés e pernas inquietas, entrevista de ficção e sentimentos reais. Aquilo me pegou de surpresa. Tamaña a dedicação dos entrevistados. Que atores e atrizes talentosos tive o privilégio de dirigir! Teatro? Vida!

Dos entrevistados, lembro-me do menino franzino, alegre que só ele, pele morena do sol, rostinho fino, um moleque travesso, mais corria que andava, aquela energia de criança arteira. Recordo-me dele sentado na cadeira, sorriso maroto, postura ereta, camiseta, calça jeans e tênis que evidenciavam seu tempo de uso. Para os entrevistados, perguntava dos temas abordados nas aulas, um deles, a empatia. Resgatando as memórias desse dia, emerge a cena de quando questionei o menino franzino, se ele entendia o que era empatia, porque para a empresa que imaginamos era um valor essencial. Respirou fundo, sorriu e foi sincero. Dissera que com palavras não conseguiria explicar. “Posso te falar o que faço? Acredito ser empatia”, retrucou. Eu disse que sim e ouvi atentamente.

“Minha vó mora comigo”, começou o entrevistado, “ela é bem velhinha, sabe!? Tem problema de saúde, eu que a ajudo lá em casa. A vó tem dificuldade de fazer muitas coisas, de limpar a casa, de levantar peso, andar...”. E assim foi elencando todas as mazelas da vó. “Eu sei que ela, sendo velhinha, tudo é mais difícil, por isso preciso ajudá-la. Acho que isso é empatia que a gente falou na aula.” Encerrou e ficou aguardando a validação do professor/entrevistador.

A essa altura, o professor/entrevistador, com tantas teorias, tinha dado lugar a uma outra alma humana, como fez Jung (2011) . Respirei fundo. A lágrima ficou retida naquele instante. Respondi que sim, era isso mesmo, considerava mais válido praticar a empatia do que saber o conceito da palavra. O menino franzino ficou aliviado. “Passei!?” Acenei com a cabeça que sim. A voz estava embargada. Sorriu. Cumprimentou e saiu correndo. Feliz. Passou na sua primeira entrevista. Onde e como estará o menino franzino hoje? Questiono a mim mesmo. Que esteja ensinando sobre empatia. A lágrima, agora, flui.

Os sentimentos a floravam a cada passar de dia, principalmente nas rodas de conversa antes de iniciar as atividades de aula. Propus, então, uma forma de expressar o que cada um estava sentindo.

Em frente ao galpão/escola havia um pé de sombreiro embaixo do qual, nos intervalos, as crianças costumavam sentar-se para lanche e conversar; algumas até subiam nos galhos. Propus: “E se o pé de sombreiro fosse nossa árvore de emoções?”. Aceitaram.

Em papel EVA, com caneta permanente para não apagar com a chuva, escreviam emoções que consideravam agradáveis e desagradáveis; todos os dias, a qualquer momento, poderiam escrever o que estavam sentindo e pendurar na árvore. E assim o fizeram. A árvore das emoções deu frutos. Frutos de tristeza. De alegria. Amor. Ódio. Raiva. Incontáveis frutos/emoções apareceram.

Nosso público cativo, acostumado com as artes, logo percebeu a árvore com seus frutos/emoções. Cientes dos nossos visitantes, confeccionamos uma placa que descrevia que aquela era a árvore das emoções. Dias depois fui chamado pelos gestores do aeroporto, eles relataram de suas idas ao galpão/escola, que ficavam surpreendidos com o que viam e que tiraram fotos da árvore das emoções, se sentiram tocados. Em anos anteriores, como o projeto era desenvolvido dentro de salas administrativas, era inviável produzir essas atividades, e agora eles de alguma forma estavam conhecendo as crianças. Fiquei orgulhoso, por mim e pelas crianças. Aprender com sensibilidade, atravessando todos os sentidos. Experiência Estética.

E com a velocidade de um avião a jato, desses que pousavam e decolavam do nosso pátio/pista de aeroporto, completamos o ciclo de 15 aulas. Para o último encontro, combinei que deixaríamos nossa marca. Utilizando tinta branca *spray*, pedi que fizessem símbolos que de alguma maneira representassem esses dias. O local do registro foi uma grande pedra situada na entrada do galpão/escola, nela reuniram-se e, numa caótica assembleia, onde todos falavam ao mesmo tempo, definiram três símbolos.

Primeiro, o desenho de uma personagem de *videogame* chamada Pac-Man, que percorre um labirinto repleto de pontos, frutas e quatro fantasmas. O objetivo do jogo é comer todos os pontos enquanto evita os fantasmas. O segundo foram as iniciais P.S.; o terceiro símbolo, um guarda-chuva. Questionados sobre as escolhas de tais símbolos, argumentaram que o Pac-Man representava a fome que sentiam, para além do alimento, uma fome por conhecimento. As iniciais P.S. significavam “para sempre”, porque para eles aqueles dias jamais seriam esquecidos. Da minha parte, jamais. O guarda-chuva

enunciava o lugar onde a vida acontecia, a cidade de Joinville, conhecida pelas constâncias de longos períodos chuvosos ou nublados.

Para mim, era o equivalente a um trabalho de TCC; eles foram aprovados com louvor. Depois de (trans)formarem o sombreiro em árvore das emoções, foi a vez da pedra, (trans)mutada em peça de arte. Teria acontecido ali a educação autêntica que nos provoca a pensar Freire (2017)? Aquela que “não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando pontos de vistas sobre ele” (Freire, 2017, p. 116). Um mundo para sempre com fome e nuvens carregadas de incertezas e esperança.

**Figura 37** – Alunos do Projeto Social Infraero em visita à torre de controle do aeroporto de Joinville



Fonte: Acervo do autor

**Figura 38** – Projeto Social Infraero, alunos reunidos no entorno da pedra em que fizeram uma intervenção artística



Fonte: Acervo do autor

**Figura 39** – Projeto Social Infraero – foto editada destacando os símbolos desenhados pelos alunos



Fonte: Acervo do autor

Última despedida, todos embarcaram na van, meninos e meninas, sonhadores, tagarelas, artistas, atores e atrizes. Foram meus alunos e mestres. Intencionei ensinar e fui aprendiz. Passaram a porteira de madeira. Retornaram para suas vidas. Fiquei observando até que sumiram no horizonte. Bauman (2013) certa vez dissera que não conhecia caso de pessoas vítimas de agressões, seja qual for, que tenham enobrecido, ao contrário, se tornam cruéis. Desejei que fossem bondosos e felizes. É minha utopia. Queria ter dito a eles que também sinto fome. De justiça social. Não disse. Mas escrevo agora. Chuva nos meus olhos, dizem que são lágrimas. Salto no tempo, acelero a cena, professor iniciante, projeto concluído, despedida dos alunos, despedida da primeira instituição de ensino em que lecionei, início em nova escola, estou coordenador, parada, conclusão da graduação em Psicologia, reinício da vida docente, professor do Ensino Médio. Pausa. Ação. Cena em movimento.

Ingressei como docente do Ensino Médio em escola privada, SENAC Joinville, que em 2020 começou a oferecer o Ensino Médio integrado ao curso técnico. Eu

lecionava a disciplina chamada Criativamente: Gerando Ideias, disciplina alocada no que a instituição nomeia de Eixo Flexível.

Essa parte flexível da organização curricular tem como premissa possibilitar aos alunos vivenciar por meio de projetos educacionais os conhecimentos básicos (propedêuticos) e criar aproximações com o mundo do trabalho. O intuito é promover relação de sentidos e significados das principais áreas da parte básica e técnica para a atuação no mundo profissional, além de desenvolver habilidades para a vida.

Recordo-me do convite, a pedagoga e a coordenadora do Ensino Médio com um sorriso de quem sabe qual seria a resposta ao convite. Iniciaram a conversa dizendo que, sendo um professor criativo – conclusão tirada pela observação dos projetos que desenvolvi no programa de aprendizagem –, tinham uma disciplina que era a “minha cara”, denominada Criativamente. Retornei no tempo. (Re)lembrei de uma cena aqui descrita:

“Com semblante sereno, de posse de uma sabedoria adquirida com a experiência vivida, rebateu o questionamento da vizinha fuxiqueira, dizendo que seu filho era uma criança criativa e que se tornaria um adulto inteligente”. Mãe, seu filho cresceu, é um adulto, professor de criatividade. Que tal? Aceitei primeiro o destino imputado pela progenitora, anos mais tarde o convite para lecionar na disciplina que, *a priori*, desenvolveria a criatividade.

O que narro nos próximos parágrafos é o projeto It Girls: Protagonismo Feminino e Design, uma prática pedagógica com base na metodologia de projetos, realizada na disciplina Criativamente: Gerando Ideias.

As alunas foram convidadas a pesquisar em duplas a biografia de sete personalidades femininas de sua escolha e “construir” um palco para essas mulheres. O projeto foi desenvolvido com a turma do 1.º ano do Ensino Médio integrado ao Técnico em Designer de Interiores, composta inicialmente por 12 alunas que estudam em período integral.

*It girl* é um termo em inglês que pode ser compreendido como aquela mulher que chama a atenção pelo seu estilo e personalidade. No projeto ampliamos para a percepção de que as mulheres que seriam pesquisadas são *it girls* pelo conjunto de sua obra, pelo talento e importância em suas áreas de atuação, mulheres inspiradoras que conquistaram um lugar de protagonismo, contrapondo uma sociedade governada pelo patriarcado.

A construção do palco, uma das etapas centrais dessa atividade, foi desenvolvido na maquetaria, espaço oferecido pela instituição para atender principalmente aos cursos

de Design de Interiores de nível técnico e tecnólogos. A maquete do palco teve como base e inspiração o palco do Teatro da Liga de Joinville, local que foi visitado pela turma, momento organizado especialmente para o projeto.

Essa prática também teve uma característica interdisciplinar ao integrar outras disciplinas do eixo técnico, que corroboraram com técnicas construtivas para confecção das maquetes. Para além das disciplinas diretamente envolvidas no desenvolvimento do projeto, outros conhecimentos, relacionados a História, Artes, Sociologia e Literatura, foram mobilizados.

O Projeto It Girls trazia o protagonismo feminino como fio condutor. As alunas do Ensino Médio integrado ao Técnico em Design de Interiores escolheram sete personalidades femininas que se destacaram em seu ramo de atuação.

A primeira etapa exigiu das alunas uma pesquisa aprofundada da biografia de cada personalidade, resgatando no processo as dificuldades que essas mulheres encontraram em seu trajeto de vida para, enfim, alcançar um lugar de protagonistas. A seguir, elenco as personalidades femininas escolhidas e alguns recortes biográficos destacados pelas próprias alunas:

Fernanda Montenegro – atriz brasileira consagrada, considerada a dama do teatro e da dramaturgia no Brasil, foi contestadora em tempos de ditadura e até sofreu ameaça de morte no período.

Dua Lipa: cantora inglesa, filha de imigrantes do Kosovo, por isso se chama Dua, que significa “amor” em albanês. Chama atenção contra o preconceito a imigrantes e já se envolveu em polêmicas dentro dessas temáticas, mobilizando milhões de seguidores de suas redes sociais.

Frida Kahlo – pintora mexicana, célebre pelos seus autorretratos, trouxe à tona questões de gênero e identidade.

Katherine Johnson – mulher negra, cientista, enfrentou o racismo para se tornar uma das principais cientistas que contribuíram com a exploração espacial do programa norte-americano.

Idina Menzel – cantora e atriz norte-americana, premiada por *Wicked*, famoso musical da Broadway. É a voz da princesa Elsa da animação recordista de bilheteria *Frozen*. Seu desempenho nas artes foi tamanho que lhe concederam o prêmio Artista Revelação na Billboard Women in Music Awards.

Zuzu Angel – estilista brasileira, foi uma figura emblemática na ditadura militar. Seu filho foi assassinado pelo governo e dado como desaparecido político. Sua luta pela

verdade e a busca pelo filho atravessaram as fronteiras nacionais e ganharam os noticiários internacionais após um desfile-protesto realizado no consulado brasileiro em Nova York.

Thalita Rebouças – jornalista, escritora, repórter e apresentadora, escreve livros direcionados ao público adolescente. Multifacetada, ela influencia meninas adolescentes que se identificam com suas histórias.

Após apresentarem as suas *it girls*, revelei a segunda etapa do projeto até então desconhecida pelas alunas. Agora tendo feito a pesquisa biográfica, é o momento de criar.

“Imagine que essas mulheres virão para a cidade de Joinville. Vocês foram convidadas como profissionais *designers* para ‘construir’ uma cenografia em um palco para recebê-las!” Revelei entusiasmado com o que estava por vir.

Para inspirar as alunas e dar um contexto do que é ser uma *designer* de palco (cenógrafa), foi exibido o episódio da série produzida pela Netflix *Abstract: the art of Design* que tem como protagonista a referência mundial na área, a cenógrafa Es Devlin; criadora de experiências sensitivas por meio dos cenários de *shows* de grandes artistas da música, como a cantora Beyoncé.

As alunas tiveram oportunidade de conhecer um palco real, o do Teatro da Liga, tradicional casa de eventos e espetáculos de Joinville, fundada em 1922 e revitalizada em 2010. A visita foi organizada e guiada em parceria com a diretora de teatro Fernanda Moreira, minha ex-aluna, egressa do curso de pós-graduação de Marketing Digital. Nesse dia as alunas conheceram a história e importância desse teatro para a cultura de Joinville, viram uma apresentação dos alunos de teatro, trocaram ideias com os atores e atrizes sobre atuação e as habilidades desenvolvidas pela arte da interpretação.

Visitar um espaço com tantas histórias e camadas criadas em 100 anos de existência é uma aula de História contada pela arquitetura, pelos assoalhos e madeira, pelos fossos e esconderijos do palco principal. Os tijolinhos maciços sussurram segredos da ribalta, o rangido das escadas soava como assombrações de vidas passadas, indecifráveis mensagens riscadas em paredes e mobiliários compunham o enigma, tal qual as carteiras de madeira da escola na minha infância.

Enquanto caminhava naquele espaço, acompanhava de certa distância as alunas, com celular em mãos se apressavam em registrar cada detalhe. Fotos, vídeos, construía memórias digitais, ao mesmo tempo em que seus sentidos eram estimulados por cheiros, texturas, sons. Percebia, pelos seus olhares atentos, a falaria, os cliques e *selfs*, que tudo era espantoso e mágico para elas. Para a maioria, a primeira vez em um teatro; para todas,

a primeira vez em um espaço tão antigo e misterioso. Alunas/exploradoras, aventureiras em busca do tesouro perdido entre contos e lendas, narrados pela nossa anfitriã, a diretora de teatro.

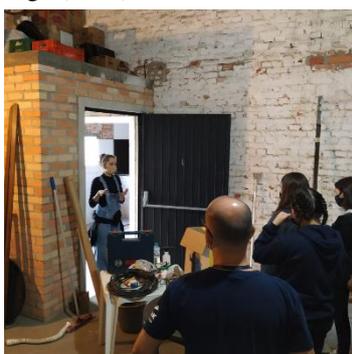
A visita ao teatro era o pontapé do processo de criação, que parte “da própria realidade, da miríade de luzes, formas, consistências, sabores, texturas e sons que, uma vez combinados, transformados, negados, configuram possibilidade infinitas de recriação” (Zanella, 2007, p. 149).

**Figura 40**– Vista panorâmica do palco do Teatro da Liga (2021)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 41** – Diretora de teatro contando histórias do Teatro da Liga (2021)



Fonte: Acervo do autor

**Figura 42** – Alunas e professores no palco do Teatro da Liga (2021)



Fonte: Acervo do autor

No segundo momento da manhã, após caminhar, escutar histórias sobre o teatro, o professor da área técnica, que aceitou o convite de integrar o projeto, fez sua aula abordando sobre as escalas daquele espaço. Foram realizadas as medidas do palco. Munidas com suas pranchetas, cada aluna fez suas anotações, desenharam em folhas A4 os esquemas da estrutura para servir de base à maquete do palco que viria a ser construída. De pesquisadoras/exploradoras a engenheiras e arquitetas em apenas uma manhã.

Antes de iniciar os trabalhos na maquetaria, recebemos em aula a Diretora Executiva da Secretaria de Cultura e Turismo de Joinville. Nesse encontro a convidada compartilhou sua história profissional, os desafios de ser mulher e empreendedora, a importância da cultura e do turismo para a cidade, bem como reflexões sobre a relação dos joinvilenses com os espaços públicos e culturais da cidade. Uma mulher do cotidiano, mais próxima da realidade das alunas, sua história foi engendrada nas ruas joinvilenses, em dias chuvosos ou de Sol escaldante.

Considerando que era necessário um tempo de planejamento para definir escalas e materiais para a construção das maquetes, as aulas que antecederam a ida para a maquetaria foram importantes para trazer novos elementos. Para dar um entendimento da

importância do planejamento, antes de ir para a prática, foi exibido o episódio “O lugar mais feliz do mundo”, da série *A história do Imagineering*, da plataforma de *streaming* Disney+. Em resumo, conta a história de Walt Disney, da criação da Disneyland e de sua equipe de elite, os imagineiros. Após assistirem ao episódio, as alunas tiveram mais uma revelação surpresa do projeto: teriam crachás personalizados de “imagineiras”. Eram duas versões de crachá, uma com foto sem filtro ou efeito, e outra com um filtro que as deixava com a aparência de personagens de animação.

**Figura 43** – Crachá do professor, criado para o Projeto It Girls



Fonte: Acervo do autor

**Figura 44** – Crachá do professor, editado emulando uma animação 3D



Fonte: Acervo do autor

**Figura 45** – Crachá de aluna, editado emulando uma animação 3D



Fonte: Acervo do autor

Em uma das aulas, já na maquetaria, os professores da parte técnica definiram quais seriam as escalas utilizadas na maquete. Com foco na sustentabilidade, definiram, em conjunto com as alunas, materiais recicláveis para compor o palco das maquetes.

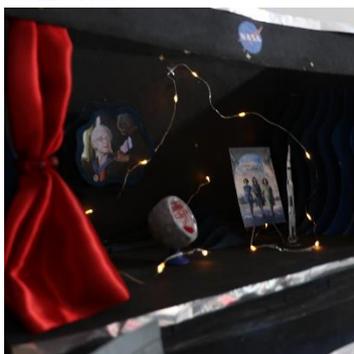
Finalmente as alunas iniciaram a construção das maquetes. Ocorreram todas as dificuldades inerentes aos projetos dessa natureza. Cada dupla elaborou suas estratégias de construção, seguindo uma diretriz geral, orientada pelo professor especialista na área. Enquanto davam concretude à sua imaginação, as alunas dialogavam sobre muitos aspectos da vida, bobagens corriqueiras ou discussões acaloradas sobre como enfrentar a pandemia, era o ano de 2021, e gradativamente estávamos voltando à dita normalidade, mas ainda com inúmeras recomendações sanitárias. Ciência, política, notícias falsas, brigas familiares, aulas remotas, sobre si mesmas e a perplexidade do quão pouco sabiam de si. Freire (2017, p. 39) diria a essas meninas que os homens, “ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos”. O teatro encenado no palco da vida parecia tão complexo quanto os palcos imaginários do projeto.

Conversas à parte e superadas as primeiras dificuldades no manuseio dos materiais, as maquetes dos palcos ganharam forma, e o cronograma de finalização seguia os planos originais, com previsão para conclusão da primeira quinzena de agosto. Tivemos de parar a construção.

Seguindo o plano de contingência da instituição, os alunos do Ensino Médio retornaram ao ensino remoto, em virtude de alguns alunos estarem com covid-19. Agora de suas casas, as alunas continuaram organizando os materiais para a finalização das maquetes e, ao contrário do que poderia se imaginar, permaneceram inspiradas e resilientes, aguardando o retorno às aulas presenciais para, enfim, concluir seus palcos.

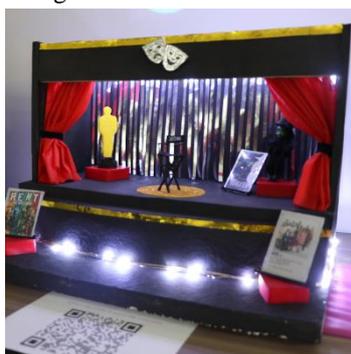
O Projeto It Girls se propôs, como objetivo da disciplina, desenvolver a criatividade, intuito que de fato foi atingido. Mais ainda, quando trouxe o protagonismo feminino como fio condutor, oportunizou um lugar para reflexão sobre o ser mulher nesta sociedade, que as mulheres podem e devem ocupar seu lugar de protagonismo. Com base nas histórias de suas *it girls*, perceberam que tal lugar é conquistado diariamente pela luta travada nas esquinas, em escolas, empresas, na sua própria casa. Dias de luta, dias de glória. Nessa jornada as alunas conheceram mulheres incríveis, personalidades famosas e mulheres reais, estas do nosso cotidiano, da nossa cidade, que pela sua luta e excelência de seu trabalho conquistaram posições de destaque. Conheceram também a força delas próprias, que mesmo atravessando dificuldades impostas pela pandemia, ou pelos desafios que o novo nos proporciona, seguiram inspiradas e resilientes para concluir o projeto.

**Figura 46** – Palco Katherine Johnson – produzido por alunas do 1.º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Design de Interiores



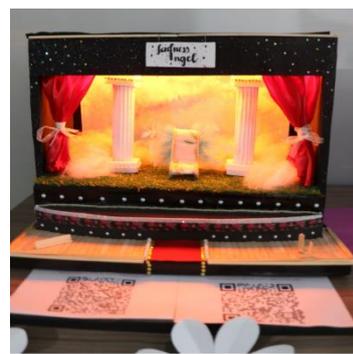
Fonte: Acervo do autor

**Figura 47** – Palco Fernanda Montenegro – produzido por alunas do 1.º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Design de Interiores



Fonte: Acervo do autor

**Figura 48** – Palco Katherine Johnson – produzido por alunas do 1.º ano do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Design de Interiores



Fonte: Acervo do autor

Essa experiência de ensino transbordou para outras disciplinas, para além do fato de efetivamente outros professores estarem envolvidos no processo; as alunas puderam encontrar alguns sentidos na miscelânea de conhecimentos que o Ensino Médio integrado ao técnico oferece. O Projeto It Girls foi sobre história, sociologia, literatura, artes, diversidade, matemática, escalas, design. Foi sobre protagonizar sua história, sobre ser mulher, sobre ser possível, sobre criar! Foi uma Experiência Estética.

Certa vez, em roda de conversa com alunos do Ensino Médio, depois de quatro anos lecionando nas disciplinas do Eixo Flexível, deparei com a observação de uma aluna. Eram alunos e alunas do terceiro ano, ou seja, em vias de concluir o Ensino Básico. Estavam fazendo uma lista com o nome dos professores para o convite da formatura. A aluna mencionada deixou escapar que, terminada a lista, todos foram contemplados. Para minha surpresa, o meu nome inexistia na tal lista, e o agravante, por assim dizer, que eu estava ao lado dela na conferência. Quando percebeu minha ausência na lista e a minha presença agora constrangedora, logo se pôs na tentativa de remediar. “Desculpa, sor [*sic*]! É que você é diferente, a gente até esquece que o senhor também é professor.”

Olhei de canto de olho, como que intrigado e confuso com a justificativa. “Sabe, sor [*sic*], os outros dão aula de uma matéria, tipo inglês e matemática, mas o senhor é outra coisa, sei lá.” Justificativa aceita. Saí refletindo sobre aquela fala. “Que professor sou afinal? Sou um professor!?” Os pensamentos tomaram conta, fiquei, como diria vô Domingos, maquinando.

E de tanto maquinar, entendi que de fato não sou o professor de uma matéria, como ela disse, e ao mesmo tempo sou professor, diferente, ainda sim, sou. Estou me tornando algum espécime de professor, estou no entre, do ser e não ser, e é nesse entre que a minha vida docente acontece. Mergulhado e misturado com meus alunos em projetos imaginativos, provocadores, de cheiros, de cores. Ora bem-sucedidos, ora frustrantes. Um professor do entre.

#### 4. DESCOBERTAS DO E NO CAMINHO: A VIDA POR UM FIO

Refletir sobre Experiências Estéticas na Educação Básica, por meio de narrativas (auto)biográficas, a fim de potencializar o sujeito crítico/sensível na figura do professor/criativo, tendo como referência meus próprios percursos e memórias, foi o objetivo desta pesquisa narrativa (auto)biográfica.

Depois de tantos parágrafos/memórias, caminhando pelas estradas de tempos pretéritos, descobri novos sentidos no presente e vislumbro novas aventuras no futuro. Aventura que não se finda nos últimos parágrafos desta dissertação. Do caminho até este momento, descubro que minhas memórias da Educação Básica mais vívidas e significativas residem nas Experiências Estéticas.

Tais Experiências Estéticas foram possíveis porque alguns docentes propiciaram nas suas aulas interações com as artes, seja nos conduzindo até um espaço de atividades artísticas, ou eles próprios sendo os artistas. Pintores, contadores de histórias, artistas de profissão ou da vida. Profissionais da Educação, rigorosos e detentores de notável saber, eram autoridades em suas áreas de conhecimento, críticos e sensíveis.

Professores que traziam cor e sonoridades às aulas cada vez mais desbotadas à medida que o Ensino Médio se aproximava. Aulas de conexões profundas, fazedoras de memórias perenes, constituidoras da minha formação como sujeito crítico/sensível. Sujeito crítico/sensível em (trans)formação.

Desejo que minha experiência individual, narrada nesta dissertação, possa contribuir para outros caminhantes problematizarem sobre uma escola que, percebi no meu percurso de aluno, perde gradativamente suas cores ao chegar aos Anos Finais da Educação Básica.

Pretendo somar a outras vozes que apostam na inserção do sensível no currículo da Educação Básica, nas Experiências Estéticas como possibilidade de evocar sensibilidades. Agregar outras vozes que, ao ler esta dissertação, se mobilizem a fazer parte deste coral. Que as vozes dos nossos alunos e docentes possam ser escutadas e ecoem suas sonoridades pela via do sensível.

Ouso afirmar que docentes e alunos devem desbravar caminhos também na Educação Superior para a passagem do sensível, que a própria gestão escolar o faça e incentive. Oportunizem o desenvolvimento da expressão humana, além das habilidades

técnicas requeridas pelo mundo do trabalho. A sociedade acelerada, da produtividade, ansiosa está nos sufocando. Queremos respirar! Nós, professores e alunos.

Compartilhei minhas memórias como testemunho da potência das Experiências Estéticas, o quanto fui afetado por elas, das reverberações da vida estudantil à docência.

Do fundo de um quintal, à procura de tesouros, o menino sonhador e desejanter seguiu viagem. De tanto sonhar, (trans)formou uma caminhada dura até a vida adulta em uma aventura cheia de mistérios e descobertas, de frustrações e realizações. Chorei e sorri. Uma vida mundana, como a de qualquer pessoa, extraordinariamente comum e singular, do meu ponto de vista.

O menino sonhador que me habita representa a história de muitos meninos parecidos comigo. Que sonharam e sonham uma vida feliz, simples assim.

Tive o privilégio de ter uma família que me acolheu, mas, quando a família titubeou, lá estavam alguns professores, meus referenciais. O professor rigoroso de Ciências, um contador de histórias, que nos convidava a viajar em seus enredos. Apesar do rigor, amassou uma prova para me ensinar que somos mais que uma folha de papel.

Professores bem-humorados que fizeram das aulas enfadonhas aulas risonhas, a exemplo do professor de Matemática, meu humorista preferido no Ensino Médio, foi meu improvável avalista para entrada no Ensino Superior.

Professores desenhistas, de giz e quadro-negro, como a professora de Biologia e suas mitocôndrias coloridas. Professores provocadores, caminhantes, *sui generis*, de madeixas roxas ou divas que hipnotizavam a plateia com sua autoridade.

Professores críticos e sensíveis, que proporcionaram Experiências Estéticas com aulas/contação de histórias, aulas/comédia, aulas/galeria de arte, aulas/desenho, aulas/encontro, aulas/espanto...

Aulas atravessadas por sentidos, continham matéria e as cousas imateriais. Que o aprendizado era percebido além da prova escrita, percebia em mim que algo mudava, impossível de escrever e provar em folha, estava inscrito na alma, no sensível.

(Re)afirmo que, ao (re)memorar minha trajetória escolar, encontrei nas Experiências Estéticas, que voluntária ou involuntariamente meus professores me propiciaram, a fonte de aprendizados que me constituíram como um sujeito crítico/sensível. Aprendizados do e no caminho.

Almejo como professor ser um docente das aulas coloridas, na esperança de promover aos meus alunos Experiências Estéticas que possam contribuir no seu desenvolvimento. Continuo aprendendo todos os dias na docência. Aprendo com meus

alunos. Aprendo com meus colegas de ofício. Aprendo vivendo, experienciando. Sou o copo meio cheio, meio vazio. Luz e sombra. Escravo e senhor dos meus pensamentos. Encontro tesouros. Descubro novos mapas que me levam a outras aventuras. Outros tesouros.

Neto de pescador, filho de costureira. Uma pessoa comum. Que graças ao esforço dos pais, trabalhadores de chão de fábrica, acessou a escola e teve uma oportunidade de tecer sua história. Enquanto minha mãe costurava na linha de produção de uma malharia, eu estava na escola costurando conhecimentos. A vida de quem pertence à classe trabalhadora sempre está por um fio.

Foram muitas costuras feitas para que eu chegasse aqui, é sobre a trama da vida, dos remendos e dos rasgos do tecido social, tão desigual. De vez em quando escapa um fio dessa trama pela agulha da Educação, para compor outros panos/histórias. E continuo costurando meu pano/história, ponto por ponto, enquanto houver fio de linha...

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [s.l.], v. 7, n. 14, p. 79-95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- ALVES, Rubem. Proponho que sejamos professores de espanto. **Portal Raízes**, 2011. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/rubem-alves-professor-de-espantos/>. Acesso em: 5 jun. 2019.
- ARAÚJO, Alberto Filipe. **Silêncio, iniciação e transformação**. Maia: Instituto Universitário da Maia, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Entrevista “A sociedade líquida”**. São Paulo, 2003. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4\\_Encontro\\_Entrevista\\_A\\_Sociedade\\_Liquida\\_1263224949.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf). Acesso em: 15 jun. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras escolhidas; v. 1).
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- BOTTOM, Alain de. **Notícias**: manual do usuário. Tradução de Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- BOLÍVAR, Antonio. Prefácio – Investigación (auto)biográfica y narrativa: contar, decir y ler. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; VILLAS BÔAS, Lúcia (org.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p. 11-16.
- CAMPOS, Neide Pelaes de. A construção do olhar estético-crítico do educador das séries iniciais do Ensino Fundamental. *In*: ZANELLA, Andréa Vieira; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo; MAHEIRIE, Kátia; SANDLER, Lucilene; DA ROS, Sílvia Zanatta (org.). **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 155-169.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** 2. ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELIGNY, Fernando. **O aracniano e outros textos.** Tradução de Lara Christina de Malimpensa. 2 ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018a.

DELIGNY, Fernando. **Os vagabundos eficazes – operários, artistas, revolucionários: educadores.** Tradução de Marlon Miguel. São Paulo: n-1 Edições, 2018b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DOS REIS, Alice Casanova; ZANELLA, Andréa Vieira. Psicologia social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n. 1, p. 17-34, 2015.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Campinas: Papirus, 2002.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Editora Criar Edições, 2010.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** Tradução de Helder Godinho. 2. ed. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GERALDI, João W. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JENSEN, Letícia Caroline da Silva. **Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos sobre psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas; v. VII).

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Educação: experiência e sentido).

LEAL, Patrícia Regina de Carvalho. **Percursos de uma professora andarilha na educação infantil: narrativas (auto)biográficas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019.

LEED, Erich J. **The mind of the traveler**. From Gilgamesh to global tourism. Nova York: Basic Books, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de: Albert Christophe Migues Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINS, Miriam Celeste. Arte, educação e cultura: tecendo a trama da sensibilidade. *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; VOIGT, Jane Mery Richter; CAMPOS, Rosânia (org.). **(Entre)laçando educação, arte e cultura nos fios da sensibilidade**. Joinville: Editora Univille, 2018. p. 17-35.

MARTINS, Mirian Celeste. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores**. **Educação**, v. 31, n. 2, 2006. p. 227-240.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Zouk, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-30.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2008.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho. Sobre leitura de imagens. *In*: ZANELLA, Andréa Vieira; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo; MAHEIRIE, Kátia; SANDLER, Lucilene; DA ROS, Sílvia Zanatta (org.). **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 37-55.

OLIVETO, Paloma. Ancestrais do homem passaram a andar com duas pernas a 3,7 milhões de anos. **Correio Braziliense**, 21 jul. 2011. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2011/07/21/interna\\_ciencia\\_saude,262138/ancestrais-do-homem-passaram-a-andar-com-duas-pernas-a-3-7-milhoes-de-anos.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2011/07/21/interna_ciencia_saude,262138/ancestrais-do-homem-passaram-a-andar-com-duas-pernas-a-3-7-milhoes-de-anos.shtml). Acesso em: 20 maio 2019.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Educação pelo sensível. **Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113-127, 2007.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Gestão e conhecimento sensível na contemporaneidade**. Florianópolis: Editora da UFSC; Joinville: Editora Univille, 2006.

PINO, Angel. A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 47-69, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. 3 ed., 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RIOS, Terezinha A. **Compreender e ensinar** – por uma docência da melhor qualidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTIAGO, Maria Cecília do Amaral Campos de Barros. Compreendendo a cultura jovem em sua participação nos projetos sociais que trabalham a arte como formação de cidadania. *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; VOIGT, Jane Mery Richter; CAMPOS, Rosânia (org.). **(Entre)laçando educação, arte e cultura nos fios da sensibilidade**. Joinville: Editora Univille, 2018. p. 93-110.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Cecília M. de; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, Patrícia Andrade da. O papel da escola no processo na socialização na Educação Infantil. **Revista PLUS FRJ – Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde**, n. 3, p. 68-77, 2017.

SKLIAR, Carlos B. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-49, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativa de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ZANELLA, Andréia Vieira. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 135-145, 2004.

ZANELLA, Andréia Vieira. Educação estética, docência e experiência: entretecendo ciência, arte e vida no encontro com memórias esquecidas da cidade. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 54, p. 366-381, 2021.

ZANELLA, Andréia Vieira. **O ensinar e o aprender a fazer renda de bilro: estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

ZANELLA, Andréia Vieira. Sobre olhares, fios e rendas: reflexões sobre o processo de constituição de educadores(as). *In*: ZANELLA, Andréia Vieira; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo; MAHEIRIE, Kátia; SANDER, Lucilene; DA ROS, Silvia Zanatta (ed.). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 143-154. (Cadernos CED; n. 12).

ZANELLA, Andréia Vieira; BALBINOT, Gustavo; PEREIRA, Renata Susan. A renda que se enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 235-252, 2000.

## Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data\_21/02/2024.

1. Identificação do material bibliográfico: ( ) Tese (x) Dissertação ( ) Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Lucélio Budal Arins \_\_\_\_\_

Orientadora :Profª Dra Silvia Sell Duarte Pillotto \_\_\_\_\_

Coorientador: \_\_\_\_\_

Data de Defesa: 21/02/2024

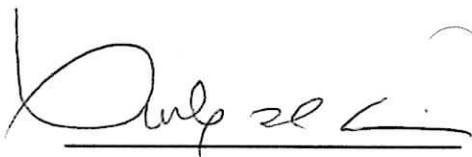
Título: \_\_ EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO PROPULSORA NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO/SENSÍVEL

Instituição de Defesa: UNIVILLE

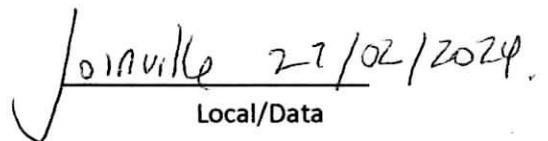
3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (x) Sim ( ) Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.



Assinatura do autor



Local/Data